



**XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE
ALERGIA E IMUNOPATOLOGIA**

**3º SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE
O LACTENTE SIBILANTE**

FORTALEZA 19 A 22 DE NOVEMBRO DE 2011 FÁBRICA DE NEGÓCIOS

Imunoterapia específica: a jovem centenária!

TEMAS LIVRES

Trabalhos transcritos sem prévia revisão.



TEMAS LIVRES

TL. 001 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS REAÇÕES DE HIPERSENSIBILIDADE A MEDICAMENTOS EM PACIENTES HOSPITALIZADOS

Simone Valladão Curi, Tanno LK, Camporez AR, Dracoulakis M, Fernandes FR, Aun WT, Mello JF.

Hospital Servidor Público Estadual de São Paulo.

Objetivo: Avaliar características das reações de hipersensibilidade a medicamentos (RHM) em pacientes internados em outras clínicas e secundariamente identificar fatores de risco associados a reações imediatas e não imediatas. **Material e Métodos:** Estudo prospectivo por meio de interconsultas solicitadas ao serviço de alergia no período de 01 de janeiro de 2010 a 31 de maio de 2011, aplicando-se um questionário de investigação adaptado da academia europeia (ENDA). **Resultado:** Foram avaliados 76 casos de RHM com uma média de idade de 57 anos. Foi evidenciado o predomínio do gênero feminino (68%). A faixa etária superior aos 60 anos correspondeu a 51% dos casos. As comorbidades mais frequentes foram as cardiovasculares (34%), endocrinopatias (17%) e neoplasias (14%). Os principais grupos farmacológicos envolvidos foram os antiinflamatórios não esteroidais (21%), anticonvulsivantes (18%) e antibióticos betalactâmicos (14%). A maioria das reações foi não imediata (87%). Manifestação sistêmica ocorreu em 32% dos casos, sendo oito sugestivos de DRESS (Drug Rash with eosinophilia and systemic symptoms) e um de Necrólise Epidérmica Tóxica. A média de medicamentos usados por paciente na época da reação foi de seis. História prévia de reação ao mesmo grupo farmacológico foi identificada em 12 pacientes (16%). **Conclusão:** Verificou-se que o sexo feminino, a idade avançada, o uso de medicamentos concomitantes e a presença de comorbidades aumenta a possibilidade de RHM não-imediatas, algumas graves. Destaca-se a necessidade de alertar aos pacientes, familiares e profissionais de saúde quanto à importância de notificar as reações medicamentosas a fim de evitar recidivas.

TL. 003 - FARMACODERMIAS GRAVES: VISÃO DO ALERGISTA

Aline Rocha Camporez, Tanno LK, Curi SV, Perini PRC, Fernandes FR, Aun WT, Mello JF.

Hospital Servidor Estadual de São Paulo.

Objetivo: Descrever as características dos casos de farmacodermias graves registrados em pacientes internados em um hospital de São Paulo, assistidos pelo Serviço de Alergia e Imunologia. **Material e Métodos:** Estudo de série de casos baseado na análise de prontuários de pacientes que estiveram internados no período de janeiro de 2002 a junho de 2011 avaliados pelo especialista. **Resultado:** Avaliamos 25 casos de farmacodermias graves, dentre elas, 13 (52%) foram Drug Rash with Eosinophilia and Systemic Symptoms (DRESS), 7 (29,4%) Síndrome de Stevens Johnson (SSJ), 4 (16%) Necrólise Epidérmica Tóxica (NET) e 1 (4%) Pustulose Exantemática Aguda Generalizada (PEGA). A idade dos pacientes variou de 5 a 77 anos (mediana= 37), 13 (52%) foram do gênero masculino. As classes farmacológicas mais relacionadas foram os antibióticos 18 (45%), sendo 14 (78%) betalactâmicos, os antiinflamatórios não esteroidais 12 (30%) e os anticonvulsivantes 9 (25%). O tempo médio de internação dos pacientes foi de 15 dias. O acometimento sistêmico ocorreu em 15 (60%) casos, deles, 15 (100%) com envolvimento hepático, 5 (33%) renal, 2 (13 %) pancreático e 1 (6%) tireoideano. Houve acometimento mucoso em 12 (80%) casos. Três pacientes (12%) tiveram choque séptico, o que os levou à mortalidade. Os demais pacientes apresentaram sequelas, cutâneas 4 (16%) e oculares 5 (20%). Na evolução foram observadas: síndrome colestática 1 (4%), imunodeficiência 1(4,2%) e autoimunidade 1(4,2%). **Conclusão:** Os casos de DRESS foram os mais frequentes e os antibióticos foram os medicamentos mais implicados. O tempo médio de internação foi prolongado. De todos os casos que apresentaram acometimento sistêmico, todos tiveram envolvimento hepático, sendo que as sequelas foram importantes, porém a mortalidade foi baixa, tendo sido atribuída à sepse.

TL. 002 - REAÇÕES DE HIPERSENSIBILIDADE A ANTIINFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDES - ESTUDO DE 166 PACIENTES DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE

Rocha LAR, Bruscky DMV, Melo AC, Rios MCM, Rego Silva AM, Sarinho ESC, Queiroz GRS.

Centro de Pesquisa em Alergia e Imunologia Clínica da Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE.

Objetivo: Descrever características biológicas dos pacientes com suspeita de hipersensibilidade a antiinflamatórios não esteroides (AINEs) do ambulatório de reações adversas a medicamentos (RAM) do HC-UFPE. **Material e Métodos:** Estudo do tipo série de casos a partir do questionário adaptado European Network for Drug Allergy aplicado aos pacientes citados do período de 2005 a 2011. **Resultado:** 166 pacientes do ambulatório de RAM com história de hipersensibilidade a AINEs, sendo 99 (60%) do sexo masculino, 89 (53,6%) com idade entre 12 e 19 anos. História progressiva de atopia esteve presente em 146 (88%) dos casos, sendo na sua maioria representada por asma e rinite alérgica. Enquanto história familiar de atopia esteve presente em 63 (38%) pacientes. Já história familiar de RAM foi positiva em 48 (29%) dos pacientes. As manifestações clínicas mais presentes foram angioedema em 155 (93,4%), angioedema e urticária em 46 (27,7%), levando em conta que nesses pacientes havia associação com outras manifestações. Os fármacos pela história clínica mais incriminados nas reações foram Dipirona, Ibuprofeno e Paracetamol. Destes, 4 tiveram teste de provocação (TP) positivo para dipirona, nimesulide e meloxicam. Dos 30 pacientes que realizaram TP com benzidamina, todos resultados foram negativos. **Conclusão:** A hipersensibilidade a AINEs é uma importante causa de atendimento em nosso ambulatório, com forte associação pessoal de atopia. As manifestações cutâneas foram as mais prevalentes. A benzidamina tem sido uma boa alternativa terapêutica principalmente na faixa pediátrica por sua tolerância, até o momento.

TL. 004 - REAÇÕES ALÉRGICAS AOS ANESTÉSICOS LOCAIS: DETECÇÃO POR TESTES CUTÂNEOS E POR PROVOCAÇÃO SUBCUTÂNEA. ANÁLISE DE 160 CASOS

Luiz Carlos Gondar Arcanjo, Tania Maria Tavares Gonçalves, Nathalia Delcourt, Juliana Baroni, José Luiz Magalhães Rios, João Bosco Magalhães Rios.

Policlínica Geral do Rio de Janeiro Alergistas Coligados Faculdade de Medicina de Petrópolis.

Objetivo: Reações adversas aos anestésicos locais (AL) são frequentes e muitas vezes referida como alérgica. Embora reações imunomediadas sejam raras, estas devem ser investigadas para casos suspeitos. O objetivo deste estudo foi determinar a frequência de teste cutâneo positivo a estas drogas em pacientes com um histórico reações adversas aos anestésicos locais e descrever as principais características sócio-demográficas dos indivíduos. **Material e Métodos:** Estudo retrospectivo de prontuários de pacientes atendidos em nosso serviço entre 2008 e 2011. Os parâmetros avaliados foram a indicação para a realização do teste, idade e gênero do paciente. A droga testada foi a que o paciente apresentou histórico de suspeição. Pacientes foram submetidos a testes de punção cutâneo, teste intradérmico e provocação por via subcutânea. Análise estatística descritiva dos dados foi realizada. **Resultado:** Foram realizados 160 testes (125 do sexo feminino - 80%). Três desses testes foram excluídos devido a resultados inconclusivos. Nas mulheres, a maior proporção de testes foi no grupo etário 41-60 anos (43%), enquanto nos homens a maior concentração estava em uma faixa etária mais jovem: 21 a 40 anos (41%). A indicação mais comum (103 casos, 65%) para os testes foi uma reação anafilática prévia por suspeita de uso de anestésico local. Sete de 157 testes tiveram um resultado positivo (4,4%), seis deles ocorreram em mulheres (4,8%). Somente um teste resultou em reação anafilática (0,67%). Todos os pacientes que apresentaram resposta positiva ao teste tem uma história de reação perianestésica que sugere um mecanismo imune-mediado. **Conclusão:** Em pacientes com história de reação prévia aos anestésicos locais, os testes cutâneos com essas drogas têm um papel fundamental na prevenção da anafilaxia e na orientação para os procedimentos anestésicos adequados.

TL. 005 - TESTES DE PROVOCAÇÃO COM ANESTÉSICOS LOCAIS

Marisa Rosimeire Ribeiro, Violeta Régner Galvão, Laila Sabino Garro, Adriana Teixeira Rodrigues, Marcelo Vivolo Aun, Pedro Giavina-Bianchi, Antônio Abílio Motta.

Disciplina de Imunologia Clínica e Alergia da FMUSP Serviço de Imunologia Clínica e Alergia da FMUSP.

Objetivo: Descrever os casos de reações a anestésicos locais (AL) e o resultado da investigação, com contato telefônico após teste negativo para avaliar o uso da medicação. **Material e Métodos:** Estudo retrospectivo com pacientes do ambulatório de alergia do HC-FMUSP de Janeiro de 2008 a Maio de 2011, com dados de prontuários e questionário adaptado da European Network for Drug Allergy (ENDA). **Resultado:** Foram avaliados 67 pacientes, sendo 58 (86%) do sexo feminino, submetidos a 72 testes de provocação (TP). Na história, as reações relatadas pelos pacientes foram: cutâneas 43,3%, respiratórias 12%, cardiovasculares 18%, respiratórias e cutâneas 8,9%, sistêmicas 12% e outras 5,8%. Todos os anestésicos testados foram do grupo amida sendo: 19 (26,4%) bupivacaína, 51 (70,8%) lidocaína e 2 (2,8) mepivacaína. Quanto ao AL, 32,8% testaram o anestésico suspeito, 23,3% um anestésico alternativo e 42,4% não sabiam o anestésico envolvido. Em 83,8% dos casos que não sabiam o anestésico envolvido foi testada a lidocaína. Quatro pacientes tiveram teste cutâneo positivo para látex. Apenas dois pacientes tiveram TP positivos para AL, porém um com teste positivo também para látex e outro com sintomas respiratórios isolados durante o teste, sendo comprovada disfunção de pregas vocais em investigação posterior. Conseguimos contato com 46,2% dos pacientes e destes, 54,8% usaram o AL testado. Apenas 1 paciente relatou reação (edema tardio). **Conclusão:** Diante de reações a AL, é fundamental investigar alergia a látex e pesquisar uso de medicações concomitantes, já que hipersensibilidade aos AL é extremamente rara. Os TP devem ser realizados para dar segurança ao paciente e excluir hipersensibilidade verdadeira. Observar que às vezes podem ocorrer reações tardias com os anestésicos locais.

TL. 007 - AVALIAÇÃO DA RESPOSTA CLÍNICA E LABORATORIAL DE PACIENTES COM ANAFILAXIA A PROTEÍNA DO LEITE DE VACA SUBMETIDOS A DESSENSIBILIZAÇÃO ORAL

Paula Rezende Meireles, Denise Barcelos Borges Barros, Renata Parrode Bittar, Ana Priscia Castro Coelho, Fábio Fernandes Morato Castro, Jorge Kalil, Ariana Campos Yang.

Disciplina de Imunologia Clínica e Alergia da Faculdade de Medicina da USP, Serviço de Imunologia do Hospital das Clínicas da FMUSP, Laboratório de Investigação Médica - LIM 60.

Objetivo: Avaliar resposta clínica dos pacientes alérgicos ao leite de vaca e seus níveis de IgE específica antes e após dessensibilização oral. **Material e Métodos:** A dessensibilização oral foi realizada em quatorze pacientes alérgicos a proteína do leite de vaca. A dose inicial foi determinada pelo teste cutâneo titulado e aumentadas progressivamente até a dose de manutenção de 150ml /dia. A IgE específica foi dosada pelo método ImmunoCAP antes e após o tratamento. **Resultado:** Treze pacientes (92,85%) toleraram a dose de 150ml /dia, apenas 1 (7,14%) tolerou apenas 5ml /dia, por abandono do tratamento antes do término. Avaliando-se IgE específica para leite de vaca pré dessensibilização 7/10 (70%) dos pacientes apresentavam IgE maior que classe 5 e após 80% tiveram redução destes níveis, nenhum teve aumento. Com relação a IgE específica para caseína, 8/10 (80%) apresentaram redução dos níveis após tratamento. Na avaliação das frações alfa lactoalbumina e beta lactoglobulina foram incluídos 9/14 pacientes e diferente da avaliação para leite e caseína houve 1/9 (11,1%) que apresentou aumento dos níveis para estas frações. **Conclusão:** Eficácia do tratamento foi vista clinicamente para todos os pacientes já que ficaram tolerantes e estão com dieta livre para o leite e derivados, eliminando o risco de reações em exposições inadvertidas. Consequentemente observou-se melhora da qualidade de vida. Um único paciente permanece com dose de manutenção de 5 ml /dia para reduzir risco em exposição acidental. Na evolução laboratorial houve queda dos níveis de IgE específica para caseína o que é um dado favorável para tolerância adquirida no procedimento. Corroborando com a literatura, a dessensibilização oral com alimentos mostrou - se um tratamento promissor com alta taxa de sucesso e a queda dos níveis de IgE específica na maior parte dos pacientes.

TL. 006 - SEGURANÇA DE PROVOCAÇÃO COM AINE SELETIVO EM PACIENTES COM HIPERSENSIBILIDADE CUTÂNEA IMEDIATA AOS AINES NÃO SELETIVOS

Bittar RP, Aun MV, Rodrigues AT, Garro LS, Giavina-Bianchi P, Motta AA, Ribeiro MR.

Disciplina de Imunologia Clínica e Alergia, Serviço de Imunologia Clínica e Alergia do HCFMUSP, São Paulo, Brasil.

Objetivo: Os coxibes são anti-inflamatórios não-esteroidais (AINEs) bloqueadores da COX-2, considerados seguros na asma induzida por AINEs, mas os estudos são conflitantes sobre sua segurança na urticária e angioedema induzida por AINEs. Avaliamos a segurança do medicamento etoricoxibe em pacientes com história de reação cutâneo-mucosa imediata aos AINEs. **Material e Métodos:** Estudo observacional retrospectivo através da análise dos resultados de testes de provocação (TP) oral com etoricoxibe 90mg, realizados de janeiro de 2006 a julho de 2011. Foram revisados dados de prontuários de pacientes com urticária e/ou angioedema imediatos por AINEs. Foram incluídos pacientes reatores não-seletivos, ou seja, que tivessem apresentado reação a duas ou mais classes de AINEs. **Resultado:** Avaliamos 56 pacientes reatores não-seletivos submetidos ao TP (média de idade 42,8 anos), sendo 13 (23,2%) homens e 43 (76,8%) mulheres. Encontramos 2/56 testes de provocação positivos (3,6%), caracterizados por angioedema palpebral imediato, tratados com anti-histamínico e corticosteroide oral, com melhora. Uma paciente que reagira ao etoricoxibe 90mg, foi submetida ao TP com celecoxibe 200mg, sem reação. **Conclusão:** Em pacientes reatores não-seletivos a AINEs a reatividade ao etoricoxibe foi pequena. É possível um paciente com hipersensibilidade a um coxibe, tolerar outro. A indicação da provocação de um determinado coxibe, pode ser feita como alternativa buscando segurança na prescrição.

TL. 008 - AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES ALÉRGICOS À PROTEÍNA DO LEITE DE VACA SUBMETIDOS À DESSENSIBILIZAÇÃO ORAL

Ana Priscia Fernandes de Castro Medeiros Coelho, Violeta Régner Galvão, Paula Rezende Meireles, Denise Barcelos Borges, Fábio Fernandes Morato Castro, Jorge Kalil, Ariana Campos Yang.

Serviço de Imunologia Clínica e Alergia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

Objetivo: A alergia à proteína do leite de vaca acomete cerca de 2% das crianças abaixo de cinco anos de idade, submetidas à restrição alimentar, com prejuízo da qualidade de vida. Nosso objetivo foi avaliar o impacto na qualidade de vida de pacientes submetidos à dessensibilização oral com leite. **Material e Métodos:** Estudo retrospectivo, observacional, baseado em dados do prontuário eletrônico e questionário não padronizado sobre qualidade de vida. **Resultado:** Foram analisados 14 pacientes, 04 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, entre 05 e 21 anos, com diagnóstico de alergia à proteína do leite de vaca e submetidos à dessensibilização oral. Foi utilizado um questionário não padronizado para qualidade de vida após o tratamento. Avaliamos: dieta, sociabilidade e sensação de segurança. Dos 14 pacientes, apenas 01 abandonou o tratamento por queixa de dor abdominal relacionadas à ingestão de leite. Dois deles encontram-se atualmente em fase de indução e os demais em fase de manutenção. Todos os pacientes ingerem leite e derivados livremente, no entanto, 03 têm aceitação limitada. Todos os pacientes e familiares enfatizaram a melhora no convívio social. Quanto à sensação de segurança, após o tratamento nenhum dos pacientes mantém o hábito de leitura de rótulo e apenas 01 dos 11 pacientes em fase de indução continua portando adrenalina auto-injetável devido à insegurança da família, oito estão há mais de 6 meses levando uma vida sem restrições dietéticas e/ou sociais e sem apresentar reações alimentares. **Conclusão:** Dois aspectos se destacam na melhora de qualidade de vida percebida tanto pela família quanto pelo paciente: a segurança de não ter reações alérgicas por qualquer quantidade de leite inadvertidamente ingerido permite maior conforto e relaxamento nas atividades sociais, que se intensificaram em todos os pacientes; e, a possibilidade de poder escolher ou não um alimento, pelo simples desejo, satisfaz uma necessidade básica da natureza humana: a liberdade de escolha.

TL. 009 - TRATAMENTO DIETÉTICO COM FÓRMULA A BASE DE PROTEÍNA EXTENSAMENTE HIDROLISADA DA SOJA (FHS) OU AMINOÁCIDOS LIVRES (AA) É CAPAZ DE INDUZIR O EQUILÍBRIO ENTRE CITOCINAS TH2 E T REGULADORAS NA ALERGIA AO LEITE DE VACA

Marisa Laranjeira, Neusa Wandalsen, Suzana Pasetti, Roberta de Oliveira, Vera Lúcia Flor Silveira, Karina Vieira de Barros.

Faculdade de Medicina da Fundação do ABC e UNIFESP- Universidade Federal de São Paulo.

Objetivo: Considerando a importância das citocinas na exacerbação dos sintomas e no desenvolvimento da tolerância oral na alergia ao leite de vaca (ALV), o objetivo deste estudo foi verificar se o tratamento dietético adequado pode induzir o equilíbrio entre citocinas Th2 (IL-4 e IL-13) e T reguladoras (IL-10 e TGF- β) em crianças com ALV. **Material e Métodos:** O diagnóstico de ALV foi feito com dosagens de IgE total e específicas, parâmetros clínicos, dieta de exclusão, prick test e desencadeamento oral. Após o diagnóstico, 19 crianças alimentadas durante 120 dias com FHS (AlergoMed, ComidaMed) e 7 com AA (AminoMed, ComidaMed) foram avaliadas. Citocinas foram determinadas do soro em 2 momentos: T0, antes do tratamento dietético e na presença dos sintomas; e T1, após 120 dias de tratamento e ausência dos sintomas. Os dados foram expressos como média e desvio padrão. Para análise estatística adotou-se teste T pareado com $p < 0,05$ como nível de significância. **Resultado:** 54% das ALV eram IgE mediada e 46% não IgE mediada. As concentrações das citocinas Th2, IL-13 e IL-4, foram significativamente reduzidas no T1 em relação ao T0 (IL-13: $2,02 \pm 1,45$ para $0,33 \pm 0,06$, $p=0,018$ e IL-4: $4,093 \pm 1,73$ para $0,34 \pm 0,13$, $p=0,01$). Por outro lado, as citocinas T reguladoras, IL-10 e TGF- β , estavam significativamente aumentadas no T1 em comparação ao T0 (IL-10: De $13,56 \pm 3,77$ para $24,08 \pm 5,08$) ($p=0,048$), (TGF- β : de $44,98 \pm 4,89$ para $57,03 \pm 3,17$) ($p=0,02$). **Conclusão:** Esses dados mostram que tanto a fórmula FHS quanto AA foram capazes de aumentar as citocinas T reguladoras (IL-10 e TGF- β) e reduzir as Th2 (IL-4 e IL-13). Como o equilíbrio entre essas citocinas representa um importante papel na ALV, este estudo mostra que o tratamento dietético apropriado é capaz de alterar os mediadores inflamatórios, contribuir com a remissão dos sintomas e induzir o desenvolvimento da tolerância oral.

TL. 010 - HIPOALERGENICIDADE, EFEITOS NO CRESCIMENTO E TOLERÂNCIA DE UMA FÓRMULA A BASE DE AMINOÁCIDOS LIVRES COM LCPUFAS E VITAMINAS ANTIOXIDANTES NO TRATAMENTO DA ALERGIA AO LEITE DE VACA

Marisa Laranjeira, Neusa Wandalsen, Suzana Pasetti, Roberta de Oliveira, Regina Munekata, Karina Vieira de Barros.

Faculdade de Medicina da Fundação do ABC e UNIFESP- Universidade Federal de São Paulo.

Objetivo: Fórmulas a base de aminoácidos livres (FAA) são utilizadas no tratamento da alergia ao leite de vaca (ALV) severa, onde ocorre persistência dos sintomas com o uso da proteína extensamente hidrolisada. O objetivo deste estudo foi avaliar a eficácia, segurança, tolerabilidade e aceitabilidade da FAA (AminoMed, ComidaMed), composta por 100% aminoácidos livres, Lcpufas DHA e ARA e vitaminas antioxidantes no tratamento da ALV. **Material e Métodos:** Um estudo prospectivo e controlado foi conduzido na FMABC com 29 crianças, 15 meninas e 14 meninos, com idade média $5,61 \pm 2,60$ meses e ALV. Dividiu-se o estudo em Fase A, para confirmação da ALV com parâmetros clínicos, dosagem de IgE específica, dieta de exclusão e teste de desencadeamento oral; e Fase B, após diagnóstico, onde as crianças receberam FAA por 120 dias, sendo monitoradas 1x/mês. Antropometria (peso, estatura e perímetro cefálico), volume ingerido e sintomas de alergia (lesões de pele, sintomas respiratórios e gastrointestinais) foram recordados a cada consulta. **Resultado:** 79% das alergias foram não IgE mediada, 14% mediadas por IgE e 7% mistas. Considerando os sintomas, 65% das crianças apresentavam colite, 14% anafilaxia gastrointestinal, 7% refluxo gastroesofágico e 3% urticária, dermatite atópica e baixo ganho ponderal, sendo possível observar a remissão dos mesmos após o início do tratamento dietético. A segurança foi confirmada com adequado crescimento comparado às recomendações da OMS, escore-z da primeira a quarta consulta respectivamente para P/E ($-0,09 \pm 1,2$; $0,15 \pm 0,74$; $0,03 \pm 0,81$ e $0,02 \pm 0,86$ e E/I ($-0,04 \pm 1,39$; $0,09 \pm 1,37$, $0,19 \pm 1,26$ e $0,17 \pm 1,28$) e PC ($0,83 \pm 1,41$; $0,83 \pm 1,41$; $0,64 \pm 1,5$ e $0,68 \pm 1,31$). A média do volume diário aceito foi de $811,6 \pm 403,8$; $940,3 \pm 397,4$; $831,6 \pm 312,4$ e $860 \pm 432,0$ ml, do primeiro ao quarto mês respectivamente. **Conclusão:** Esses dados mostram que a FAA foi aceita, promoveu crescimento adequado e remissão dos sintomas, sendo indicada no tratamento da ALV.

TL. 011 - CARACTERIZAÇÃO DE NOVO ALÉRGENO DA MANDIOCA (MAN E 5) E REATIVIDADE CRUZADA COM ALÉRGENOS DO LÁTEX (HEV B 5 E 6)

Keity Souza Santos, Gadermaier G, Galvão CE, Breiteneder H, Mari A, Ferreira F, Morato-Castro FF.

Disciplina de Alergia e Imunopatologia, Departamento de Clínica Médica, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - FMUSP, São Paulo, Brasil.

Objetivo: Produzir e caracterizar imunológica e físico-quimicamente o primeiro alérgeno da mandioca (Man e 5), verificando sua reatividade cruzada com Hev b 5 do látex. Além disso, averiguar a existência de outros alérgenos da mandioca envolvidos na reatividade cruzada. **Material e Métodos:** Clonagem, expressão e purificação da proteína alérgica. Caracterização do alérgeno por análise de aminoácidos, diâmetro circular e digestão gastroduodenal simulada. A molécula Man e 5 produzida assim como a molécula recombinante Hev b 5 foram testadas por ELISA e ISAC diretos e de inibição usando amostras de soros de pacientes brasileiros alérgicos a mandioca e ao látex e também de um grupo de pacientes italianos alérgicos ao látex, com sensibilidade ao Hev b 5, mas sem história de alergia à mandioca. **Resultado:** O novo alérgeno da mandioca Man e 5 foi reativo a IgE de pacientes alérgicos dos dois grupos testados. Os testes de inibição mostraram que Man e 5 da mandioca tem reatividade cruzada com Hev b 5 do látex. O alérgeno do látex é capaz de inibir o da mandioca mais fortemente do que o contrário, indicando que provavelmente Hev b 5 apresenta mais epítopos do que Man e 5, mas que ainda assim o alérgeno da mandioca apresenta epítipo(s) exclusivo(s). Dos pacientes italianos testados, 40% reagiram a Man e 5. Dos pacientes alérgicos à mandioca testados, 2 não reagiram à Man e 5. Testes de inibição do ISAC mostraram que o extrato total de mandioca também inibiu parcialmente a molécula Hev b 6. **Conclusão:** O novo alérgeno da mandioca Man e 5 é reconhecido por soros de pacientes alérgicos à mandioca e ao látex e apresenta reatividade cruzada com o Hev b 5, sendo este o primeiro relato de reatividade cruzada envolvendo este alérgeno do látex. Além disso, os resultados de inibição do ISAC com o extrato total de mandioca indicam que outra molécula da mandioca ainda não identificada apresenta reatividade cruzada com Hev b 6, envolvendo na síndrome látex-fruta.

TL. 012 - FRAÇÕES DO LEITE DE VACA: HÁ UM PAPEL NA PREDIÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DE TOLERÂNCIA EM PACIENTES COM ALERGIA A LEITE DE VACA?

Cristiane de Jesus Nunes dos Santos, Claudia Plech Garcia, Ana Paula Beltran Moschione Castro, Antonio Carlos Pastorino, Andrea Keiko Fujinami Gushken, Cristina Miuki Abe Jacob.

Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Objetivo: Avaliar a contribuição de concentrações séricas de IgE específica para leite de vaca e suas frações na predição de tolerância aos 6 anos de idade, em crianças com diagnóstico prévio de alergia à proteína do leite de vaca (APLV). **Material e Métodos:** Estudo analítico retrospectivo envolvendo pacientes com diagnóstico prévio de APLV, avaliados aos 6 anos de idade. APLV foi definida por meio de teste de provocação oral duplo cego placebo controlado ou provocação aberta positivos ou anafilaxia confirmada associada a IgE específica para leite de vaca acima de $3,5$ kU/L ou a prick teste positivo para leite de vaca. Tolerância foi definida como aceitação assintomática de leite de vaca. Quantificação de IgE sérica específica para leite de vaca (LV) e suas frações (α -lactoalbumina, β -lactoglobulina e caseína) foi realizada pelo teste do Immunocap® (Phadia AB). Dividiu-se os pacientes em 2 grupos de estudo, tolerantes e persistentes aos 6 anos de idade. Como as variáveis estudadas não apresentavam distribuição normal, utilizou-se o teste de Mann-Whitney para comparação estatística entre os grupos. **Resultado:** Foram incluídos 49 pacientes (27M:22F), 24 tolerantes e 25 persistentes. A média de idade na realização do Immunocap® foi de 2,7anos (DP=1,4anos). No grupo tolerante, as medianas das concentrações séricas de IgE específica para LV, α , β e caseína foram, respectivamente (em kU/L): 2,9 ; 0,9 ; 1,3 e 0,8. No grupo persistente, na mesma ordem e unidade, as medianas foram: 21,8; 4,0 ; 4,2 e 18,6. A comparação dos grupos mostrou diferença estatisticamente significante com $p < 0,05$ em todas as comparações. **Conclusão:** Nesta casuística, maiores concentrações séricas de IgE específica tanto para leite de vaca quanto para suas frações dosadas em idade precoce foram associadas a persistência aos 6 anos de idade.

TL. 013 - PERFIL DOS LACTENTES SIBILANTES ACOMPANHADOS EM SERVIÇO DE REFERÊNCIA: AVALIAÇÃO DE DEZ ANOS

Fernanda Araujo Silva, Mauri F. Senise Junior, Gustavo F. Wandalsen, Márcia C. Mallozi, Dirceu Solé.

Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina.

Objetivo: Analisar o perfil dos lactentes sibilantes que iniciaram e permaneceram em acompanhamento em um serviço de referência nos últimos dez anos, avaliando dados clínicos, laboratoriais, tratamentos instituídos e evolução clínica. **Material e Métodos:** Estudo descritivo realizado com base na revisão dos prontuários de 195 lactentes sibilantes (sibilância iniciada antes de 36 meses de idade) identificados entre todos os pacientes de um serviço de referência em alergia entre 2001 e 2010, que permaneceram em acompanhamento até o momento da pesquisa. **Resultado:** Do total de 195 lactentes sibilantes, 129 (66,2%) são do sexo masculino. A média de idade do primeiro episódio de sibilância foi 6,1±6,4 meses. No início do acompanhamento 44% já haviam sido hospitalizados por problemas respiratórios. Os familiares relatavam a exposição domiciliar a fumaça de cigarro em 40,7%. Os desencadeantes relatados também foram estudados. Cento e vinte e dois pacientes (62,6%) apresentaram índice preditivo de asma positivo. Nos exames laboratoriais 20% apresentavam eosinofilia (>500/mm³). Do total, 36,6% eram sensibilizados a algum alérgeno inalado (teste cutâneo de leitura imediata). A rinite foi a comorbidade mais encontrada (57,4%). O tratamento inicial mais frequentemente instituído foi o corticosteroide inalado em média dose (30,3%). Cerca de 30% dos pacientes não necessitaram introdução de tratamento de controle, no início do acompanhamento. Entre os pacientes que atualmente apresentam mais de 3 anos de idade, 70% estão classificados como asmáticos intermitentes, não necessitando de terapia de manutenção. **Conclusão:** Apesar dos diferentes fenótipos clínicos da sibilância recorrente em lactentes, a maior parte dessas crianças apresenta bom prognóstico. A introdução de tratamento de controle deve ser norteada pelos fatores de risco conhecidos para asma. O conhecimento das características clínicas e laboratoriais dos lactentes sibilantes pode auxiliar na investigação e decisão terapêutica dos casos novos.

TL. 015 - CONTROLE DA ASMA EM PACIENTES COM ASMA MODERADA/GRAVE E FATORES RELACIONADOS AO PIOR CONTROLE DA ASMA

Rafael Teixeira Figueredo Poleshuck, Luis Henrique de Almeida Gonzaga, Norma de Paula Motta Rubini, Luiza Navarro Paolucci, Marcela Machado Parma, Fernando Samuel Sion, Carlos Alberto Moraes de Sá.

Hospital Universitário Gaffrée e Guinle - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Objetivo: Os objetivos deste estudo foram avaliar o grau de controle asma em pacientes com asma moderada/grave e analisar comparativamente os pacientes com asma controlada versus aqueles com asma parcialmente controlada/não controlada. **Material e Métodos:** Foi realizado estudo transversal incluindo pacientes com asma moderada e grave, em seguimento clínico regular por um período > 6 meses, não-tabagistas e sem condições clínicas com interferência na função pulmonar. A classificação do controle da asma foi realizada de acordo com os critérios das IV Diretrizes Brasileiras para o Manejo da Asma. **Resultado:** Foram avaliados 51 pacientes, com idades entre 18 e 79 anos (média = 52,8 + 14,4). Dentre estes, 37% apresentava asma controlada, 43% parcialmente controlada e 20% não controlada. Com relação à função pulmonar, 39% dos pacientes apresentava VEF1 > 80%, 22% entre 60% e 80% e 39% 25 foi 78%, enquanto nos pacientes com asma controlada foi 37% (p=0,003). O percentual de pacientes com VEF1 0,05). Não foram observadas diferenças significativas na análise comparativa entre o grau de controle da asma e as seguintes variáveis: idade, rinite alérgica, RGE e DREA. **Conclusão:** Observamos que a maioria dos pacientes não apresentava controle total da asma. O percentual de pacientes com déficit importante da função pulmonar (VEF1 < 60%) - 39% foi superior ao de pacientes com asma não controlada (20%), indicando que pacientes com controle clínico parcial da asma podem apresentar comprometimento significativo da função pulmonar. O sobrepeso/obesidade foi um fator fortemente relacionado ao pior controle da asma.

TL. 014 - AVALIAÇÃO DA INTENSIDADE DA ASMA BRÔNQUICA EM CAMUNDONGOS NASCIDOS OU AMAMENTADOS EM MÃES INFECTADAS PELO SCHISTOSOMA MANSONI

Valdenja Maria Oliveira de Souza, Patrícia E.A. Santos, Fernanda Bruni, Érica S. Fernandes, Mônica Câmelo P. A Albuquerque, Vladia M.A. Costa, Carla Lima.

Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami- LIKA - Universidade Federal de Pernambuco Laboratório Especial de Toxicologia Aplicada - CAT-CEPID -Instituto Butantan.

Objetivo: Uma menor prevalência de asma alérgica é evidenciada em áreas endêmicas para *Schistosoma mansoni*. Infecções helmínticas maternas podem contribuir para o contato precoce dos descendentes com fatores imunomodulatórios e interferir no estabelecimento da imunidade pós-natal. Aqui, foi avaliada a influência de mães esquistossomóticas, através da gestação e amamentação, na gravidade da asma alérgica anti-ovalbumina(OA) em descendentes adultos. **Material e Métodos:** Camundongos Swiss webster fêmeas não-infectados (30 dias) ou infectados (20 cercárias *S. mansoni*), após 60 dias, tiveram seus estros sincronizados e foram acasalados. Logo após o nascimento, os filhotes foram submetidos à amamentação adotiva, formando os seguintes grupos: animais nascidos em Mães Infectadas (N-MI) e amamentadas em mães não-infectadas; animais nascidos de mães não-infectadas e Amamentadas em mães Infectadas (A-MI); Parte dos animais permaneceu amamentada pela suas mães: animais nascidos e amamentados em mães infectadas (NA-MI) ou animais nascidos e amamentados em mães não-infectadas (Controle). Entre 7-8 semanas de idade, os animais foram imunizados com OA nos dias 0 e 7. Dos dia 14 a 16, eles foram expostos a OA aerolizada. Foram analisados o influxo leucocitário pulmonar no lavado bronco-alveolar (BAL) e a produção de IL-10 por células esplênicas. **Resultado:** Comparando ao grupo controle, nos animais amamentados por mães infectadas (A-MI e NA-MI) houve um deficiente influxo de leucócitos, sem eosinófilos no BAL e alta produção de IL-10. No grupo MI houve um infiltrado rico de macrófagos e ausência de IL-10. **Conclusão:** O contato prévio com leite de mães infectadas pelo *S. mansoni* proporcionou a produção de IL-10 e menor gravidade pulmonar das reações alérgicas no descendente adulto. Estes achados enfatizam o potencial imunomodulatório precoce, e duradouro, estabelecido nos indivíduos de áreas endêmicas para esquistossomose e sua importância na regulação da asma alérgica.

TL. 016 - LACTENTES SIBILANTES ASMÁTICOS APRESENTAM PIORES VALORES DE FUNÇÃO PULMONAR DO QUE OS NÃO ASMÁTICOS

Gustavo Falbo Wandalsen, Fernanda C. Lanza, Ana Caroline Dela Bianca, Carolina L. Cruz, Dirceu Solé.

Disciplina de Alergia, Imunologia Clínica e Reumatologia, UNIFESP-EPM.

Objetivo: Avaliar se os valores de função pulmonar de lactentes sibilantes com provável asma (PA) são diferentes dos prováveis não asmáticos (PNA) e comparar com um grupo de lactentes sem problemas respiratórios (C). **Material e Métodos:** Curvas expiratórias forçadas com volume pulmonar elevado e pletismografia de corpo total foram realizadas em três grupos de lactentes sedados com hidrato de cloral: C - 39 lactentes normais sem história de sibilância prévia ou problema respiratório; PA - 32 lactentes com sibilância recorrente (3 ou mais crises no último ano) e índice preditivo positivo para asma (dermatite atópica, história parental de asma, sibilância não associada a infecções respiratórias, diagnóstico de rinite alérgica); PNA - 27 lactentes com sibilância recorrente sem índice preditivo positivo para asma. Todos os exames foram realizados na ausência de infecção respiratória e de exacerbação de sibilância. Os valores de função pulmonar foram registrados pelo escore z ou pelo percentual do previsto. **Resultado:** A média de idade para os grupos C, PA e PNA foi respectivamente de: 44,7; 68,2 e 62,2 semanas. Não houve diferenças significantes entre os dois grupos de sibilantes quanto a: número de crises, idade da primeira crise, gênero, raça, hospitalização prévia e exposição à fumaça de cigarro. Os PA apresentaram valores significantes menores que os PNA para: zVEF0,5 (-0,25 x 0,51), zVEF0,5/CVF (0,56 x 0,17), zFEF25-75 (-0,44 x 0,41) e maior para %VR/CPT (125 x 113). Os C apresentaram valores significantemente superiores aos PNA para a CVF, VEF0,5, VEF0,5/CVF, FEF50, FEF75, FEF25-75 e menor para VR/CVF. Não houve diferenças significantes entre os C e os PNA para nenhuma variável estudada. **Conclusão:** Lactentes com provável asma apresentam piores valores de função pulmonar do que os não asmáticos. Não é possível definir se este achado é decorrente da doença ou congênito, mas deve-se correlacionar ao pior prognóstico observado neste grupo de crianças.

TL. 017 - A IMAGEM CORPORAL EM MULHERES COM ASMA

Tássia Natalie Nascimento Santos, Ruth Kelly Oliveira dos Santos, Priscilla Elizabeth F. dos Santos, Andréia Guedes Oliva Fernandes, Ana Carla Carvalho Coelho, Maria Teresa Brito Mariotti de Santana, Carolina Souza-Machado.

Universidade Federal da Bahia.

Objetivo: Identificar qual a imagem corporal em mulheres com asma. **Material e Métodos:** Realizou-se uma revisão sistemática da literatura nas bases de dados Bireme (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde) e Scielo (Scientific Electronic Library Online). Foram coletados artigos publicados nos últimos 10 anos em língua portuguesa, os chaveadores utilizados foram Asma, Imagem corporal e Mulheres, encontramos 141 artigos publicados, sendo excluídos os artigos que falassem separadamente dos chaveadores e que não possuíam correlação com a pesquisa, sendo selecionados 07 artigos dos quais 03 eram duplicados, restando 04 artigos para revisão de literatura, havendo uma leitura exaustiva dos artigos selecionados para a revisão de literatura. **Resultado:** Os estudos analisados apontam associação significante entre obesidade e maior prevalência de sintomas de asma entre as mulheres. Os autores relacionam o aumento da obesidade com a mudança no estilo de vida que se tornou mais sedentário e nos hábitos alimentares, com a industrialização dos alimentos e substituição dos alimentos in natura. Outro estudo relaciona IMC (Índice de massa corporal) e sexo, evidencia que na amostra utilizada pelos pesquisadores 65 pacientes foram classificados como obesos, destes 80% foram do sexo feminino, concluindo também que o índice de obesidade na amostra é maior entre as mulheres do que entre os homens sendo de 35,86% e 23,64% respectivamente. **Conclusão:** Há uma mudança na imagem corporal principalmente em mulheres asmáticas.

TL. 019 - PREVALÊNCIA DE RINITE ALÉRGICA NO PRIMEIRO ANO DE VIDA E CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS

Herberto Jose Chong Neto, Nelson Augusto Rosário, Flávia Carnieli e Silva, Lylia Fátima Melniski Bojarski, Emanuel Antônio Grasselli, Cristine Secco Rosário, Bernardo Augusto Rosário.

Serviço de Alergia e Imunologia Pediátrica, Hospital de Clínicas, Universidade Federal do Paraná.

Objetivo: Verificar a prevalência e as características clínicas dos lactentes com sintomas de rinite alérgica (RA). **Material e Métodos:** Estudo transversal utilizando questionário padronizado e validado (EISL Phase III) complementado de questões específicas sobre rinite baseado no ISAAC como: Seu bebê teve espirros, ou coceira, ou nariz trancado quando não estava gripado ou resfriado nos primeiros 12 meses de vida? Seu bebê usou anti-histamínicos (AH) quando teve espirros, ou coceira, ou nariz trancado e não estava gripado ou resfriado, nos primeiros 12 meses de vida? Algum médico lhe disse que seu bebê tem RA? Foram entrevistados os pais de lactentes com idade entre 12 e 15 meses que procuraram as Unidades de Saúde para imunização de rotina no período entre Setembro/2009 e Setembro/2010. **Resultado:** Mil e três pais de lactentes responderam o questionário, onde 484 (48,3%) tiveram episódios de espirros, ou prurido, ou obstrução nasal sem gripes ou resfriados no primeiro ano de vida. Houve discreto predomínio de sexo masculino e início aos 6 meses de vida. Duzentos e cinquenta (51,7%) foram associados a pelo menos um episódio de sibilância e cento e doze (23,1%) tiveram sibilância recorrente. Duzentos e vinte e nove (47,3%) usaram anti-histamínicos, 168 (34,7%) corticosteroides nasais e 157 (32,4%) usaram ambos anti-histamínicos/corticosteroides nasais. Cento e cinquenta e sete (32,4%) tiveram diagnóstico médico de RA. O uso de anti-histamínicos, corticosteroides nasais e ambos anti-histamínicos/corticosteroides nasais foi frequente entre os lactentes com diagnóstico de RA (22,5%, 19,8% e 14,5%, respectivamente). **Conclusão:** A prevalência de sintomas de RA foi elevada e de início precoce em nossa população. Os pediatras reconhecem a RA e prescrevem para lactentes medicação específica.

TL. 018 - PREVALÊNCIA E GRAVIDADE DE SIBILÂNCIA NO PRIMEIRO ANO DE VIDA EM CUIABÁ, MT

Lillian Sanchez Lacerda Moraes, Olga Akiko Takano, Dirceu Solé.

Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade Federal de São Paulo.

Objetivo: Avaliar a prevalência e gravidade da sibilância em lactentes de 12 a 15 meses de idade moradores na cidade de Cuiabá-MT. **Material e Métodos:** Estudo transversal com aplicação de questionário escrito (QE) padronizado do "Estudo Internacional de Sibilância em Lactentes" (EISL) fase 3. Pais e/ou responsáveis pela criança foram entrevistados em Unidades Básicas de Saúde quando procuravam as mesmas para imunização de rotina ou por visitas domiciliares de crianças matriculadas nos Programas de Saúde da Família (Agosto 2009 a Novembro 2010). Todos responsáveis concordaram e assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido. **Resultado:** Um mil e sessenta (N=1.060) pais e/ou responsáveis responderam o QE, sendo 514 (48,5%) do sexo masculino. Duzentos e noventa e quatro (27,7%) lactentes tiveram pelo menos um episódio de sibilância no primeiro ano de vida, com início aos 5,8 ± 3,0 meses. (média ± DP) e predomínio significante no sexo masculino. Entre os sibilantes 54,1% (N=159) tiveram menos de 3 episódios (sibilante ocasional) e 45,9% (N=135) tiveram 3 ou mais episódios de sibilância (sibilância recorrente) Entre estes o uso de broncodilatadores inalados (OR= 1,92; IC95%=1,04-3,52), corticosteroide oral (OR=1,82; IC95%=1,13-2,93), antileucotrienos (OR=4,08; IC95%=1,10-15,17), dificuldade para respirar (OR=2,99; IC95%=1,84-4,85), hospitalização (OR=2,4; IC95%=1,22-4,73) e diagnóstico médico de asma (OR=3,28; IC95%=1,40-7,72) foram significativamente mais frequentes. Diagnóstico médico de asma foi evidenciado em apenas 28 (9,5%) dos lactentes. Oitenta lactentes (27,7%) tiveram diagnóstico de pneumonia, sendo que 33 (11,2%) necessitaram internação para tratamento, porém não houve diferença entre os grupos. **Conclusão:** A prevalência de sibilância no primeiro ano de vida neste centro mostrou-se elevada e com início precoce. Quase metade dos lactentes apresentou quadro recorrente associado a sinais de gravidade e apesar disto o diagnóstico médico de asma foi baixo.

TL. 020 - PACIENTES COM MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS DE RINITE ALÉRGICA SEM SENSIBILIZAÇÃO IGE ESPECÍFICA A ÁCAROS E FUNGOS - RINITE ALÉRGICA LOCAL OU DIAGNÓSTICO INCORRETO?

Norma de Paula Motta Rubini, Stephania Campreghe Berti, Tatiane Cristina Marques, Luiz Cláudio Pereira Ribeiro, Rafael Teixeira Figueiredo Poleshuck, Fernando Samuel Sion, Carlos Alberto Morais de Sá.

Hospital Universitário Gaffrée e Guinle - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi investigar a frequência de pacientes com manifestações clínicas de rinite alérgica (RA) sem evidência de sensibilização IgE específica aos principais aeroalérgenos em nosso meio. **Material e Métodos:** Foram avaliados pacientes com manifestações clínicas sugestivas de RA, excluídas outras causas de rinite, com idade > 5 anos. Foi realizada dosagem de IgE total, IgE específica "in vitro" (IgE esp) para D pteronyssinus, D farinae, B tropicalis e A fumigatus (ImmunoCap); e testes cutâneos (TC) para os mesmos aeroalérgenos, acrescido de Fungos mix I e II (FDA Allergenic). Os pacientes foram classificados de acordo com a dosagem de IgE total e sensibilização IgE específica e analisados comparativamente com relação à influência da associação com asma, gravidade da rinite e faixa etária. **Resultado:** Foram avaliados 116 pacientes com idade entre 5 e 79 anos, sendo 64% do sexo feminino e 29% crianças. Dentre estes, 63 (54%) apresentava asma brônquica. Os perfis observados e respectivas frequências foram os seguintes: IgE elevada e positividade no TC ou IgE esp - 55% (64), IgE normal e positividade no TC ou IgE esp - 9% (10), IgE elevada e negatividade no TC ou IgE esp - 13% (15) e IgE normal e negatividade no TC e IgE esp - 23% (27). Dentre os pacientes com níveis normais de IgE total e sem evidência de sensibilização IgE específica, 14% (9) apresentava asma, enquanto no restante a frequência de asma foi 34% (18) [p=0,0009]. Não foi observada significância estatística na influência da gravidade da rinite e da faixa etária na ausência de marcadores de atopia e sensibilização alérgica. **Conclusão:** Observamos uma frequência significativa de pacientes com manifestações clínicas de RA, sem evidência de atopia sistêmica e sem sensibilização IgE específica para ácaros e fungos, indicando a importância da investigação criteriosa na prática clínica de rinite alérgica local, bem de como de sensibilização a outros aerolérgenos e de outras causas de rinite crônica.

TL. 021 - COMPARAÇÃO ENTRE POSITIVIDADE DE TESTE CUTÂNEO ALÉRGICO E IGE ESPECÍFICA POR MICROARRAY (IMMUNOCAP ISAC) EM PACIENTES COM RINITE

Araujo LML, Souza CCT, Palazzo P, Liso M, Chong Neto HJ, Mari A, Rosario NA.

Serviço de Alergia, Imunologia e Pneumologia do Hospital de Clínicas, UFPR, Curitiba-PR. Centro de Alergologia Molecular, IDI-IRCCS, Roma-Itália.

Objetivo: Comparar teste cutâneo alérgico (TCA) à Imunoglobulina E (IgE) específica pelo Immuno CAP ISAC para aeroalérgenos em um grupo de pacientes com rinite. **Material e Métodos:** Estudo transversal com 101 participantes de 6-15 anos diagnosticados com rinite de acordo com o ARIA (89,1% tinham asma associada). TCA foi realizado com extratos alérgênicos de Dermatophagoides pteronyssinus (Dp), Blattella germanica (Bg), epitélio de gato e cão (IPI ASAC Brasil) e foi estabelecido um diâmetro médio da pápula ≥ 3 mm como positivo. IgE específica no soro foi analisada para alérgenos de Dp (Der p 1, Der p 2), Bg (Bla g 1, Bla g 5), gato (Fel d 1, Fel d 2) e cão (Can f 1, Can f 2) utilizando ImmunoCAP ISAC (PMD, Austria) e valores $\geq 0,3$ ISU (unidades padronizadas do ISAC) foram considerados positivos. A diferença estatística entre os métodos foi verificada por qui-quadrado (correção de Yates), com alfa $< 0,05$. **Resultado:** TCA foi positivo para Dp em 83,2% dos pacientes, enquanto ISAC foi positivo para Der p 1 em 74,2% ($p < 0,01$) e Der p 2 em 73,3% ($p < 0,01$) respectivamente. Os demais alérgenos reagiram positivamente com menos frequência ao TCA (barata 17,8%, gato 11,9% e cão 15,8%) e foram menos detectados pelo ISAC. Houve diferença na identificação da IgE específica para Fel d 1 (positiva em 16,8%, $p < 0,01$). Para os alérgenos: Bla g 1 (0,9%, $p=0,39$), Bla g 5 (0,9%, $p=0,39$); Fel d 2 (0,9%, $p=0,23$); Can f 1 (4,9%, $p=0,71$) e Can f 2 (2,9%, $p=0,10$) não foram detectadas diferenças significativas. **Conclusão:** TCA permanece o método preferencial para detectar sensibilização IgE mediada a determinados aeroalérgenos. No entanto, a falta de extratos padronizados para realização de TCA pode valorizar em excesso os resultados obtidos pelo especialista.

TL. 022 - COMPARAÇÃO ENTRE POSITIVIDADE AO TESTE CUTÂNEO ALÉRGICO PARA LOLIUM MULTIFLORUM E IGE ESPECÍFICA POR MICROARRAY (IMMUNOCAP ISAC) PARA CYN D E PHL P EM PACIENTES COM RINITE

Araujo LML, Souza CCT, Palazzo P, Liso M, Chong Neto HJ, Mari A, Rosario NA.

Serviço de Alergia, Imunologia e Pneumologia do Hospital de Clínicas, UFPR, Curitiba-PR. Centro de Alergologia Molecular, IDI-IRCCS, Roma-Itália.

Objetivo: Comparar a frequência de positividade ao teste cutâneo alérgico (TCA) por punção para Lolium multiflorum (Lm) e o teste molecular ImmunoCAP ISAC para Cynodon dactylon e Phleum pratense em pacientes com rinite. **Material e Métodos:** Estudo transversal com 101 pacientes de 6-15 anos diagnosticados com rinite de acordo com o ARIA (89,1% tinham asma associada). Os sujeitos foram divididos em dois grupos de acordo com a positividade do TCA para Lm (estabelecido um diâmetro médio da pápula ≥ 3 mm como positivo) e comparados à positividade para os seguintes alérgenos de pólen pelo ImmunoCAP ISAC (PMD, Austria): Cyn d 1 (Cynodon dactylon), Phl p 1, Phl 2, Phl p 4, Phl p 5, Phl p 6, Phl p 7, Phl p 11, Phl p 12 (Phleum pratense), considerados positivos $\geq 0,3$ ISU ou unidades padronizadas do ISAC. A diferença estatística entre os métodos foi verificada por qui-quadrado (correção de Yates), com alfa $< 0,05$. **Resultado:** O TCA foi positivo para Lm em 14,8% dos pacientes, enquanto o ImmunoCAP ISAC foi positivo para Phl p 1 em 14,8% ($p < 0,01$), Phl p 11 em 2,9% ($p < 0,01$) e Cyn d 1 em 16,8% ($p < 0,01$). Para os demais alérgenos, não houve diferença entre a positividade dos dois métodos: Phl 2 encontrado em 0,9% dos participantes ($p=0,32$), Phl p 4 em 12,9% ($p=0,63$), Phl p 5 em 1,9% ($p=0,68$), Phl p 6 em 1,9% ($p=0,68$), Phl p 7 em 0,9% ($p=0,32$) e Phl p 12 em 0,9% ($p=0,32$). **Conclusão:** A positividade a alérgenos de polens de gramíneas encontrados com menor frequência pelo TCA na nossa população, pode ser verificada por método de detecção molecular (ImmunoCAP ISAC).

TL. 023 - PREVALÊNCIA DE ASMA E RINITE EM ESCOLARES E SUA RELAÇÃO COM POLUIÇÃO DO AR EM VITÓRIA, ES

Faradiba Sarquis Serpa, Therezinha Ribeiro Moyses, Jane Meri Santos, Neyval Costa Reis Junior.

Universidade Federal do Espírito Santo.

Objetivo: Determinar a prevalência de asma e rinite em escolares e sua relação com material particulado na atmosfera do município de Vitória, ES. **Material e Métodos:** Estudo transversal, descritivo, utilizando a metodologia do International Study of Asthma and Allergies in Childhood (ISAAC) Fase I em escolares de 6-7 anos. Delimitou-se a área a ser estudada em 8 sub-regiões, seguindo padronização municipal. A amostra foi composta por 2.452 escolares de 70 escolas. Os dados foram coletados entre outubro de 2008 a julho de 2009. Para avaliar a presença de material particulado na atmosfera, foram levantados dados de PM10 e PTS da rede de monitoramento automático de qualidade do ar do IEMA e realizadas medidas de PM2.5 utilizando um amostrador MiniVol TAS. Devido a presença de partículas grossas na atmosfera ser uma característica da região, o fluxo de deposição de poeira foi monitorado usando o método ASTM D1739-1998 para coleta e medição de partículas sedimentáveis. **Resultado:** A prevalência de sintomas de asma, rinite e rinoconjuntivite foram 26,5%, 46,6% e 20%, respectivamente. A prevalência de asma nas diferentes sub-regiões variou de 23 a 31% e a de rinite variou de 37,8 a 61,3%. A prevalência de rinite foi maior sub-regiões V, VIII, VI e I. As concentrações de PTS e PM10 para o ano de 2009 foram 33,8 e 27,5 mg/m³, respectivamente. Estes níveis estão abaixo do padrão nacional (CONAMA) e acima daqueles recomendados pelas Diretrizes da OMS. Os níveis de PM2.5 mostraram-se abaixo dos níveis da OMS. A análise da deposição de partículas sedimentáveis mostrou valores de até 18,77 g/m²/mês, excedendo as normas internacionais, especialmente nas sub-regiões V e I. **Conclusão:** As prevalências de asma, rinite e rinoconjuntivite encontradas estão acima das médias nacionais. Variações consideráveis na prevalência de rinite foram observadas nas diferentes sub-regiões, sendo as taxas mais altas verificadas nas localidades com maior nível de deposição de partículas sedimentáveis.

TL. 024 - EFICÁCIA DA IMUNOTERAPIA ALÉRGICA ESPECÍFICA COM EXTRATO DE ÁCAROS NA CONJUNTIVITE ALÉRGICA ASSOCIADA AO USO DE ANTÍGENO BACTERIANO COMO ADJUVANTE AO TRATAMENTO

Adriana Teixeira Rodrigues, Cynthia Mafrá Fonseca de Lima, Jorge Kalil, Fábio Morato Castro, Clóvis Eduardo Santos Galvão.

Serviço de Alergia e Imunologia Clínica da FMUSP.

Objetivo: Avaliar a resposta terapêutica da imunoterapia específica (IT) com ácaro e antígeno bacteriano em pacientes com conjuntivite alérgica através de escore de sintomas. **Material e Métodos:** Análise de prontuário de pacientes com conjuntivite alérgica em tratamento com imunoterapia específica para Dermatophagoides pteronyssinus (Dpt) e Blomia tropicalis (Bt), utilizando ou não o extrato bacteriano. Os escores de sintomas oculares pré e pós imunoterapia foram comparados. Estabelecemos escore de intensidade de 0 a 3 (0=nenhum, 1=sintomas leves, 2=sintomas moderados e 3=sintomas graves) para prurido ocular, hiperemia, fotofobia e lacrimejamento. Os sintomas nasais também foram pontuados de 0 a 3, considerando espirros, prurido nasal, coriza e obstrução nasal. Critério de inclusão: escore mínimo= 3. **Resultado:** Avaliamos dois grupos de 7 pacientes: grupo A = extrato de ácaro + antígeno bacteriano e grupo B = extrato de ácaro. Todos apresentaram testes cutâneos positivos para Dpt e/ou Bt e a IT foi realizada de acordo com a sensibilização, por um tempo mínimo de 6 meses. Houve predomínio do gênero masculino (71,4% e 85,7%, respectivamente). A idade média dos pacientes foi 15 (11 a 29) anos. Os pacientes apresentavam outras atopias como asma (57,1% e 42,8% respectivamente) e dermatite atópica (28,5% ambos os grupos). Observamos diminuição do escore de sintomas oculares após a imunoterapia ($p=0,002$ e $p=0,0001$ nos escores 0 e 1 - 4 respectivamente). Houve também diminuição do escore de sintomas nasais ($p=0,014$ e $p=0,045$ para os escores 0 e 1 - 4 respectivamente). Não observamos diferença estatística entre os dois grupos. **Conclusão:** Observamos predomínio do sexo masculino. Houve resposta clínica após o tratamento tanto nos sintomas oculares quanto nasais. Não observamos diferença estatística quando comparamos os dois grupos. Entretanto, observamos que os pacientes que realizam o tratamento com adjuvante bacteriano tendem a controlar mais precocemente os sintomas.

TL. 025 - INVESTIGAÇÃO DIAGNÓSTICA NA REAÇÃO DE HIPERSENSIBILIDADE IMEDIATA AOS BETA-LACTÂMICOS: HÁ INTERFERÊNCIA DO TEMPO NO DIAGNÓSTICO?

Adriana Teixeira Rodrigues, Laila Sabino Garro, Marisa Rosimeire Ribeiro, Marcelo Vivolo Aun, Pedro Giavina-Bianchi, Antônio Abílio Motta.

Serviço de Imunologia Clínica e Alergia do Hospital das Clínicas - Faculdade de Medicina da USP.

Objetivo: Avaliar se o tempo entre a reação com o beta-lactâmicos (BL) e a realização dos exames de investigação diagnóstica (testes cutâneos (TC) e/ou provocação (TPO)) interferem na sua positividade. **Material e Métodos:** Aplicação do questionário ENDA (European Network Drug Allergy) adaptado e seleção daqueles com história sugestiva de reação imediata aos antibióticos BL. Correlacionamos o tempo entre a reação e a realização da investigação. **Resultado:** Avaliamos 43 questionários ENDAs com história de reação de hipersensibilidade ao BL. Destes, 4 foram excluídos por terem apresentado reação não sugestiva ou tinham usado outro medicamento no período. O gênero feminino foi predominante (32/82%), a idade média 32,7 anos. Obtivemos diagnóstico etiológico em 4 (10,25%) casos, 2 TC positivos a penicilina e 1 a cefazolina e 1 TPO positivo com amoxicilina. Destes, 1 caso foi investigado menos de 1 ano, 2 casos entre 1 a 5 anos e o outro mais de 16 anos após a reação. Dos casos positivos, 75% foram investigados em até 5 anos. Das reações negativas 11,4% (4/35) foram investigadas com menos de 1 ano da reação, 60% (21/35) entre 1 e 5 anos, 17,1% (6/35) entre 6 a 10 anos, 8,6% (3/35) entre 11 e 15 anos e 2,9% (1/35) com mais de 16 anos. **Conclusão:** As reações a medicamentos são mais comuns nas mulheres jovens. Embora a literatura mostre que a investigação diagnóstica com TC e/ou TPO quanto mais precoce é mais sensível, em nossa casuística 1 paciente respondeu ao teste cutâneo após 16 anos da reação, observamos também que 71,4% dos casos negativos foram investigados em até 5 anos da reação. Parece que os BL não são em nosso meio um medicamento frequentemente causador de reação de hipersensibilidade imediata.

TL. 027 - ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL PARA LÍNGUA PORTUGUESA DO QUESTIONÁRIO ESPECÍFICO PARA AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA NA URTICÁRIA CRÔNICA - CU-Q2OL

Gabriela Andrade Coelho Dias, Solony Afra Pires Levy, Sérgio Duarte Dortas Junior, Gisele Viana Pires, Solange Oliveira Rodrigues do Valle, Alfeu Tavares França, José Angelo Papi.

Disciplina/Serviço de Imunologia do HUCCF - Fac. de Medicina - UFRJ - Rio de Janeiro - Brasil.

Objetivo: Realizar a adaptação transcultural da versão em português brasileiro do CU-Q2oL. **Material e Métodos:** A adaptação do questionário consistiu na tradução e retrotradução realizadas de forma independente por três tradutores bilíngues, seguidas por pré-teste. O CU-Q2oL foi auto-administrado, com o Dermatology Life Quality Index - DLQI, em 112 pacientes com UC. A atividade da doença foi avaliada através do Urticaria Activity Score - UAS. A análise fatorial foi utilizada para identificar as dimensões da versão em português brasileiro do CU-Q2oL. Consistência interna, validade de convergência e validade de grupos conhecidos também foram analisadas. A reprodutibilidade foi avaliada através do coeficiente de correlação intraclasse (CCIC). A regressão linear múltipla foi usada para determinar os fatores preditores dos resultados do CU-Q2oL. **Resultado:** A análise fatorial revelou uma estrutura tridimensional: sono/estado mental /alimentação (I), prurido/ impacto nas atividades diárias (II) e edema/limitações/aparência (III), que explicou 52,49% da variância total. Todas as dimensões demonstraram excelente consistência interna. A validade de construto externa foi comprovada pela correlação positiva entre os resultados dos CU-Q2oL e DLQI. O instrumento mostrou-se capaz de diferenciar pacientes com altos e baixos graus de atividade da urticária. A confiabilidade teste-reteste foi boa à excelente (CCIC = 0,69-0,86). O tipo da urticária e a gravidade da doença foram os únicos fatores preditores dos resultados do CU-Q2oL. **Conclusão:** A versão em português brasileiro do CU-Q2oL exibiu boas propriedades psicométricas e poderá ser utilizado para avaliação da qualidade de vida dos pacientes com urticária crônica e como ferramenta útil na pesquisa clínica e epidemiológica.

TL. 026 - AS LIMITAÇÕES NA INVESTIGAÇÃO DOS CASOS DE ANAFILAXIA PERIOPERATÓRIA

Laila Sabino Garro, Adriana Teixeira Rodrigues, Marisa R. Ribeiro, Marcelo Vivolo Aun, Pedro Giavina-Bianchi, Jorge Kalil, Antônio Abílio Motta.

Serviço de Imunologia Clínica e Alergia do HC - FMUSP. Disciplina de Imunologia Clínica e Alergia da FMUSP. Laboratório de Investigação Médica LIM 60.

Objetivo: Avaliar as limitações na rotina da investigação dos casos de anafilaxia perioperatória. **Material e Métodos:** Foram avaliados os 60 casos de anafilaxia perioperatória (APEO) encaminhados para investigação no período de outubro de 2006 a agosto de 2011. Todos foram submetidos ao questionário sugerido pelo European Network for Drug Allergy (ENDA). Após análise dos fatores de risco para cada caso, a investigação foi feita com testes cutâneos para látex, bloqueadores neuromusculares (BNM), antibióticos, hipnóticos, opioides, anestésicos locais, e outros. Testes de provocação, se indicado, para antibióticos, antiinflamatórios não esteroidais (AINES), anestésicos locais, e "Use Test" para látex. O método ImmunoCAP® foi utilizado para antibióticos beta-lactâmicos e látex. **Resultado:** Entre os 60 casos analisados, 32 pacientes completaram a investigação. Sendo que 21 com provável agente etiológico identificado e 11 com todos os testes negativos. O látex foi o principal agente envolvido (11 pacientes, 18,3%), seguidos pelos AINES (3 pacientes, 5%), midazolam (2 pacientes, 3,4%), cefazolina (1 paciente, 1,7%), BNM (1 paciente, 1,7%), e dupla sensibilização em 3 pacientes (5,1%), sendo 1 caso para midazolam e atracúrio, 1 para midazolam e látex, 1 para cisatracúrio e látex. Atualmente 14 pacientes estão realizando testes, 13 pacientes abandonaram a investigação e em 1 caso foram testadas drogas sugeridas para cirurgia futura, pois não obtivemos os dados da ficha anestésica. **Conclusão:** As limitações nesta investigação são principalmente: a aquisição dos dados da ficha anestésica, o diagnóstico de alergia ao látex com extratos e provocação não padronizados, a presença de pacientes sensibilizados para mais de um agente envolvido, levando o especialista a não interromper os testes antes que todos os agentes suspeitos sejam testados e a orientação final para pacientes com todos os testes negativos. O látex foi o principal agente envolvido como causa das anafilaxias perioperatórias.

TL. 028 - DIAGNÓSTICO DE TIREOIDITE AUTOIMUNE EM PACIENTES COM URTICÁRIA CRÔNICA COMO ÚNICA MANIFESTAÇÃO CLÍNICA

Vivian Malone, Silva MS, Santos LF, Carvalho CC, Menezes MCS, Dionigi PCL, Forte WCN.

Setor de Alergia e Imunodeficiências da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e Disciplina de Imunologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Objetivo: Relatar pacientes que apresentaram urticária crônica como única manifestação clínica e nos quais foi feito diagnóstico de tireoidite autoimune durante investigação laboratorial da urticária. **Material e Métodos:** Avaliação de 98 pacientes com urticária crônica (placas urticariformes por mais de seis semanas) submetidos aos seguintes exames: hemograma, sedimento urinário e urocultura, parasitológico de fezes, PPD, FAN, Fator reumatoide, sorologias (HIV, hepatite B e C, citomegalovírus, Epstein Baar virus e toxocaríase), anticorpos antitireoideanos (antitireoglobulina e antiperoxidase), dosagens de imunoglobulinas séricas (IgA, IgG, IgM, subclasses de IgG), pesquisa para Helicobacter pylori, teste cutâneo de hipersensibilidade tipo 1 para aeroalérgenos e alérgenos alimentares. **Resultado:** A idade variou entre seis e 81 anos (média de 43,5 anos e mediana de 33 anos). Vinte e sete pacientes (27,5%) eram do gênero masculino e 71 (72,4%) do gênero feminino. Dezesesseis pacientes (16,3%) foram diagnosticados com tireoidite autoimune, por apresentarem aumento de anticorpos antitireoideanos: dez pacientes (10,2%) com aumento de anticorpos antiperoxidase e seis pacientes (6,1%) com aumento de anticorpos antitireoglobulina. Os valores de TSH, T3, T4, T4 livre foram normais para todos os pacientes, não sendo necessária a introdução de medicação antitireoideana. Doze dos pacientes (12,2%) apresentaram FAN reagente, 4 (4,1%) fator reumatoide aumentado, 3 (3,1%) precipitação de crioglobulinas e um (1,0%) presença de anticoagulante lúpico. Entretanto, tais pacientes não apresentaram, até o momento, critérios para diagnóstico definitivo de doença autoimune, mantendo-se o acompanhamento clínico. **Conclusão:** Concluímos no presente estudo que pacientes com urticária crônica como única manifestação clínica podem ser portadores de tireoidite autoimune, destacando-se a importância da investigação laboratorial em pacientes com urticária crônica.

TL. 029 - ALTERAÇÕES NA RESPOSTA DE ANTICORPOS IGE, IGG4, IGG1 E IGA ESPECÍFICOS AOS ALÉRGENOS DO ÁCARO DERMATOPHAGOIDES PTERONYSSINUS APÓS IMUNOTERAPIA SUBLINGUAL EM CRIANÇAS ALÉRGICAS

Siman IL, Ynoue LH, Silva DAO, Queirós MGJ, Araújo NS, Miranda JS, Taketomi EA.

Universidade Federal de Uberlândia.

Objetivo: Avaliar alterações da resposta de anticorpos IgE, IgG4, IgG1 e IgA específicos aos alérgenos do ácaro Dermatophagoides pteronyssinus (Dpt) após imunoterapia sublingual (SLIT), utilizando o alérgeno Dpt com ou sem extratos bacterianos em crianças alérgicas. **Material e Métodos:** Cento e dois pacientes com rinite alérgica com ou sem asma leve foram selecionados para um estudo randomizado duplo-cego, controlado por placebo e foram distribuídos em três grupos: DPT (extrato Dpt, n=34), DPT+MRB (extrato Dpt associado com extrato de germes respiratórios, n=36), e Placebo (n=32). Os níveis de anticorpos específicos IgE, IgG4 e IgG1 para Dpt e seus alérgenos principais (Der p 1 e Der p 2) foram determinados por ELISA no soro dos pacientes antes e após 12 e 18 meses de SLIT. Os níveis de anticorpos IgA específicos anti-Dpt, Der p 1 e Der p 2 foram também determinados por ELISA na saliva e fluido do lavado nasal. **Resultado:** Após SLIT, o grupo DPT mostrou aumento dos níveis séricos de IgG4 para Dpt, Der p 1 e Der p 2, como também níveis aumentados de IgG1 sérica e IgA salivar para Dpt e Der p 1. O grupo DPT+MRB mostrou diminuição nos níveis de IgE sérica específica, especialmente para Der p 2, e aumento nos níveis de IgA salivar para Der p 1, mas não mostrou alterações nos níveis de anticorpos específicos IgG4 e IgG1. Os níveis de IgA anti-Dpt no fluido do lavado nasal mostraram diminuição no grupo DPT e placebo após SLIT. **Conclusão:** A SLIT ativa utilizando alérgeno (Dpt) associado ou não com extrato de germes respiratórios (MRB) é capaz de modular a resposta de anticorpos sistêmicos e de mucosa. Estes achados reforçam o papel dos anticorpos específicos IgG4 e IgG1 séricos em adição aos IgA salivares como possíveis anticorpos protetores ou bloqueadores e biomarcadores de tolerância que podem ser úteis no monitoramento da imunoterapia específica a alérgenos.

TL. 031 - REAÇÕES ADVERSAS OCORRIDAS DURANTE A DESENSIBILIZAÇÃO ORAL À PROTEÍNA DO LEITE DE VACA (DOPLV)

Marice Gutierrez Roso, Portilho NC, Meireles PR, Lima GP, Kalil J, Castro FFM, Yang AC.

Disciplina de Imunologia Clínica e Alergia da FMUSP; Serviço de Imunologia Clínica e Alergia do Hospital Das Clínicas da FMUSP.

Objetivo: Descrever a frequência e a gravidade das reações ocorridas durante protocolo de DOPLV. **Material e Métodos:** Estudo retrospectivo observacional realizado através de revisão de prontuários médicos de 14 pacientes submetidos à DOPLV, no período de janeiro de 2010 a julho de 2011. **Resultado:** Dos 14 pacientes avaliados, 72% eram do gênero masculino. A média de idade dos pacientes foi 9 anos (variando de 5 a 21 anos). Todos apresentavam história prévia de anafilaxia à PLV. Durante o tratamento 78% dos pacientes apresentaram alguma reação adversa, totalizando 63, com uma média de 4,5 por paciente. Reações adversas ocorreram em 0,4% das doses de leite administradas. Do total de reações 22 (34%) foram sintomas gastrointestinais, 15 (24%) sintomas cutâneos, 12 (19%) sintomas respiratórios inferiores, 7 (11%) sintomas em mais de um órgão e 6 (9%) sintomas orais. A maioria das reações (77%) ocorreu quando os pacientes estavam recebendo leite puro. Resolução espontânea foi observada em 25 (39%) das reações. Foi administrado adrenalina em 7 (11%) das reações. **Conclusão:** Em nossa casuística a maioria das reações foi leve e ocorreram na administração de leite puro. Reações moderadas e graves ocorreram em menor porcentagem, sem evolução desfavorável já que prontamente tratadas. A taxa de reações de 0,4% (reações por dose) pode ser considerada baixa se considerarmos que antes do tratamento esta taxa era de 100%, uma vez que todos os pacientes apresentavam reação alérgica em toda exposição inadvertida ao leite.

TL. 030 - EFICÁCIA CLÍNICA E ALTERAÇÕES NA RESPOSTA DE ANTICORPOS SÉRICOS ESPECÍFICOS APÓS IMUNOTERAPIA SUBLINGUAL COM DERMATOPHAGOIDES PTERONYSSINUS EM CRIANÇAS COM RINITE ALÉRGICA: UM ESTUDO RANDOMIZADO DUPLO-CEGO, CONTROLADO COM PLACEBO

Queirós MGJ, Silva DAO, Siman IL, Ynoue LH, Almeida KC, Pereira FL, Taketomi EA.

Universidade Federal de Uberlândia.

Objetivo: Avaliar a eficácia clínica e alterações dos níveis séricos de anticorpos específicos após imunoterapia sublingual (SLIT), utilizando alérgenos de Dermatophagoides pteronyssinus (Dpt), com ou sem extratos bacterianos em crianças alérgicas a ácaros. **Material e Métodos:** Pacientes com rinite alérgica com ou sem asma intermitente ou persistente, leve a moderada (n=102) foram selecionados para este estudo randomizado duplo-cego, controlado por placebo e foram distribuídos em 3 grupos: DPT (extrato Dpt, n=34), DPT+MRB (extrato Dpt associado com extrato de germes respiratórios, n=36), e Placebo (n=32). Avaliação clínica e análises sorológicas foram realizadas antes e após 12 e 18 meses de SLIT, incluindo escores de sintomas e medicamentos de rinite/asma, teste cutâneo de puntura (TCP) ao extrato Dpt, e determinações de anticorpos séricos IgE, IgG4 e IgG1 anti-Dpt. **Resultado:** Houve redução significativa nos escores de sintomas de rinite/asma em todos os grupos, mas o uso de medicamentos para rinite diminuiu apenas no grupo DPT após 12 meses de SLIT. Resultados do TCP não mostraram alterações significativas, e SLIT se mostrou segura, sem apresentar reações adversas graves. O grupo DPT mostrou aumento dos níveis de IgG4 e IgG1 específicos após 12 e/ou 18 meses de SLIT, mas sem redução nos níveis de IgE específica. Em contraste, o grupo DPT+MRB apresentou menores níveis de IgE anti-Dpt que o Placebo após 18 meses de SLIT, mas sem alterações nos níveis de anticorpos IgG4 e IgG1 específicos. **Conclusão:** A SLIT ativa parece ser eficaz na melhora dos sintomas clínicos concomitantemente à modulação da resposta de anticorpos sistêmicos desde que a melhora clínica sem alterações dos parâmetros imunológicos do grupo placebo deve ter sido devido a atenção à saúde de forma multidisciplinar.

TL. 032 - CARACTERIZAÇÃO CLÍNICA-LABORATORIAL DE PACIENTES SUBMETIDOS À INDUÇÃO DE TOLERÂNCIA ORAL COMO TRATAMENTO PARA ALERGIA A PROTEÍNA DO LEITE DE VACA

Giordana Portela Lima, Marice Gutierrez Roso, Nathália Coelho Portilho, Paula Rezende Meireles, Denise Barcellos Borges, Jorge Elias Kalil Filho, Ariana Campos Yang.

Disciplina de Imunologia Clínica e Alergia da FMUSP Serviço de Imunologia Clínica e Alergia do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Objetivo: Descrever características clínico-laboratoriais de 14 pacientes com diagnóstico de Alergia a Proteína do Leite de Vaca (APLV), submetidos à indução de tolerância oral. **Material e Métodos:** Estudo observacional descritivo-revisão de prontuários. **Resultado:** A média de idade dos pacientes é de 9 anos, variando entre 4 a 21 anos. Dos 14 pacientes, 10 (72%) são do gênero masculino e 4 (24%) são do gênero feminino. Todos apresentavam história clínica sugestiva de alergia a proteína do leite de vaca, com pelo menos uma manifestação de anafilaxia. Todos apresentavam fatores prognósticos para alergia alimentar persistente (idade maior que 5 anos, níveis elevados e ascendentes de IgE específica para leite, IgE elevada para caseína e antecedente de anafilaxia). A média de início dos sintomas foi de 8 meses, variando entre 4 a 24 meses. 9 pacientes (70%) apresentaram pelo menos 1 episódio de anafilaxia grau III e 1 deles teve um episódio de anafilaxia grau IV. 9 pacientes (70%) possuíam antecedente pessoal de atopia, sendo a rinite alérgica a manifestação mais comum. A média da IgE total foi de 1169 UI/ml. IgE específica para leite foi maior que 100 UI/ml em 5 pacientes (40%) e a IgE específica para caseína (fração relacionada a persistência da alergia a proteína do leite de vaca) foi maior que 100 UI/ml também em 5 pacientes (40%). **Conclusão:** Chama a atenção nos pacientes com alergia persistente ao leite de vaca a maior prevalência no sexo masculino. Destacam-se também os níveis muito elevados de IgE específica e a maior gravidade das reações quando comparados aos pacientes com alergia transitória, onde os sintomas cutâneos predominam. Este tipo de caracterização pode ser útil na seleção de pacientes candidatos à dessensibilização oral.

TL. 033 - PERFIL DAS PROVAS DE PROVOCAÇÃO ORAL (PPO) PARA ALIMENTOS REALIZADOS EM AMBULATÓRIO DE HOSPITAL TERCIÁRIO

Nathália Coelho Portilho, Roso MG Roso MG, Meireles PR, Lima GP, Kalil J, Castro FFM, Yang AC.

Disciplina de Imunologia Clínica e Alergia da Faculdade de Medicina da USP, Serviço de Imunologia do Hospital das Clínicas da FMUSP, Laboratório de Investigação Médica - LIM 60.

Objetivo: Os serviços especializados no diagnóstico de alergia alimentar (AA) e os estudos atuais têm demonstrado que há uma discrepância entre a percepção dos sintomas relatados pelo paciente que levam a hipótese diagnóstica de AA e os resultados na PPO que confirmam esta hipótese. Este trabalho tem por objetivo relatar os desfechos das PPO, procedimento considerado padrão ouro no diagnóstico de AA, realizada num grupo de pacientes submetidos ao mesmo, bem como caracterizar o perfil das provocações. **Material e Métodos:** Estudo retrospectivo observacional, realizado através da análise de ficha padrão de provocação oral a alimentos aplicada no ambulatório de alergia alimentar de hospital terciário, em pacientes com suspeita de AA, com indicação de PPO. **Resultado:** Foram analisados os resultados de 43 pacientes submetidos a PPO, com média de idade de 35 anos (1-84 anos), sendo 70 % dos pacientes do gênero feminino. Setenta e oito por cento dos pacientes apresentaram sintomas cutâneos, sendo a urticária responsável por 50 % destes e 19% de eczemas. Os sintomas respiratórios foram responsáveis por 39% das queixas, com 43% de dispnéia, seguido por 25% de desconforto em orofaringe. Nenhum paciente relatou sintomas relacionados ao trato gastrointestinal. Anafilaxia foi relatada por 25% dos pacientes. Os alimentos mais referidos pelos pacientes foram as frutas (38%), dentre elas o abacaxi citado em 40% das vezes, seguido pelo ovo (29%) e leite (21%). A provocação oral aberta foi indicada em 81% dos testes. Após a realização dos testes de provocação apenas 1,5% foram positivos e o principal sintoma apresentado pelos pacientes foi prurido (60% dos casos). **Conclusão:** Os resultados apresentados pelo estudo, bem como os encontrados na literatura, apontam a necessidade da confirmação diagnóstica da AA através dos testes de provocação oral. Sem a realização destes os pacientes realizam restrições desnecessárias com impacto importante na sua saúde e qualidade de vida.

TL. 035 - ASPECTOS CLÍNICOS, EPIDEMIOLÓGICOS E LABORATORIAIS DOS PACIENTES COM CONJUNTIVITE ALÉRGICA

Paula de Resende Campos Perini, Curi SV, Saraiva SVA, Andrade MEB, Fernandes MFM, Aun WT, Mello JF.

Hospital Servidor Público Estadual de São Paulo - HSPE.

Objetivo: Avaliar os pacientes com o diagnóstico de conjuntivite alérgica atendidos em serviço de alergia e oftalmologia, quanto as características epidemiológicas e clínicas e associação com alérgeno específico. **Material e Métodos:** Realizado estudo prospectivo em pacientes atendidos em ambulatório especializado no período de julho de 2010 a julho de 2011, utilizando questionário específico e realizado teste in vitro e in vivo. Todos preencheram termo de consentimento livre e esclarecido. **Resultado:** Foram avaliados 66 pacientes e confirmado o diagnóstico de Conjuntivite Alérgica em 47(71%) pacientes. Houve predomínio do gênero masculino (64%) e a mediana de idade foi de 12 anos. Apresentaram Conjuntivite alérgica perene (CAP) 38% dos pacientes, Ceratoconjuntivite vernal (CCV) 28%, Conjuntivite alérgica sazonal (CAS) 11%, Ceratoconjuntivite vernal mista (CCV mista) 17% e Ceratoconjuntivite atópica (CCA) 6%. Encontramos história familiar de atopia em 79% dos casos, 100% tinham rinite alérgica, 30% asma brônquica e 19% dermatite atópica associada. Apenas 1 (2%) paciente apresentou ceratocone. A IgE total variou entre 89 a 2000 KUI/ L (mediana 231). Sintomas oculares perenes foram observados em 47% dos pacientes. Todos os pacientes apresentaram prurido, lacrimejamento e hiperemia com diferentes intensidades. Nos testes cutâneos de leitura imediata, 38% apresentaram positividade para Dermatophagoides pteronyssinus (Der p), 36% positivo para pó e 21% para Blomia Tropicalis. A IgE sérica específica para Der p foi positiva (> classe 1) em 80% dos pacientes, enquanto para Blomia Tropicalis foi de 67%. **Conclusão:** Observamos que a conjuntivite alérgica é frequentemente associada a outras doenças atópicas e história familiar de atopia. É importante o seu diagnóstico e tratamento precoce para evitar evolução para ceratocone, acometimento desse, irreversível.

TL. 034 - IDENTIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS ALÉRGENOS DA VESPA TROPICAL POLYBIA PAULISTA ATRAVÉS DO WESTERN BLOT

Clovis Galvão, Keity S Santos, Alexandra Sayuri Watanabe, Mário Sérgio Palma, Jorge Kalil, Fábio Fernandes Morato Castro.

1 - Disciplina de Imunologia Clínica e Alergia - HC / INCOR / FMUSP; 2 - Centro de Estudos de Insetos Sociais - Departamento de Biologia / IBRC, UNESP; 3 - Instituto de Investigação em Imunologia (iii), CNPq/Ministério da Ciência e Tecnologia.

Objetivo: Identificar os principais alérgenos da vespa Polybia paulista, colaborando para maior especificidade no diagnóstico e tratamento das anafilaxias causadas por este inseto. **Material e Métodos:** Nove pacientes com anafilaxia por veneno da vespa tropical Polybia paulista, foram submetidos a testes cutâneos (puntura e intradérmico) com extratos comerciais de Polistes (vespa americana), Solenopsis (formiga de fogo) e Apis mellifera (abelha do mel), além de extrato do veneno de Polybia (vespa local) obtido artesanalmente para avaliar a sensibilidade cruzada entre os venenos. Para identificar os alérgenos específicos reconhecidos pelos pacientes realizamos Western Blot Bidimensional. **Resultado:** Todos os pacientes apresentaram resultados positivos para Polybia e negativos para Polistes. Pelo Western Blot, vimos que estes pacientes tinham mais IgE sérica específica para proteínas derivadas do veneno da Polybia do que para as derivadas dos outros insetos. Na análise do Western Blot bidimensional, identificamos nove diferentes proteínas alergênicas. Destas, identificamos três isoformas de frutose bifosfato aldolase e 2 isoformas de GAPDH que nunca foram descritas anteriormente como alérgenos de veneno de vespa. Também identificamos alérgenos descritos em venenos de outras espécies, como PLA1 e arginino-quinase, e confirmamos a imunorreatividade ao antígeno-5, o único alérgeno do veneno de Polybia já descrito. **Conclusão:** Nossos resultados sugerem que, uma vez que a reatividade cruzada entre espécies diferentes é baixa e pode ser limitada a alguns antígenos como o antígeno-5 é importante caracterizar, purificar e obter alérgenos de diferentes espécies de vespas produzindo extratos específicos.

TL. 036 - EFEITOS ADVERSOS DURANTE TESTE DE PROVOCAÇÃO CONJUNTIVAL COM ALÉRGENOS

Elizabeth Maria Mercer Mourão, Nelson Augusto Rosário Filho.

Serviço de Alergia Pediátrica – Hospital de Clínicas – UFPR.

Objetivo: Descrever os efeitos adversos durante teste de provocação conjuntival com alérgenos (TPCA). **Material e Métodos:** Foram realizados 82 testes de provocação conjuntival com alérgenos padronizados (Alk Abelló-FDA Allergenic, RJ) em 20 µg/mL de solução em indivíduos assintomáticos e fora da estação polínica, 26 com Dermatophagoides pteronyssinus (83,8 mcg/mL de Der p 1), 26 com Blomia tropicalis (462,5 ng/mL de Blo t 5) e 30 com Lolium perenne (399,2 mcg/mL de Phl p 5) em indivíduos com rinoconjuntivite alérgica. 77 (94%) TPCA foram positivos. **Resultado:** Sessenta e oito (88%) indivíduos apresentaram sintomas nasais leves (prurido, espirros, congestão nasal e coriza) após TPCA positivo. Edema de pálpebra inferior foi observado em 53% (41/77) TPCA positivos. Um indivíduo alérgico a pólen apresentou edema periocular grave com duração de 48 horas após TPCA positivo a Lolium (12,5 mcg/mL de Phl p 5). Outros dois indivíduos alérgicos a Lolium reagiram ao TPCA (49,9 mcg/mL e 25 mcg/mL de Phl p 5, respectivamente) com edema de pálpebras por 3 horas apesar do uso de anti-histamínicos H1 tópicos e oral. Um quarto indivíduo sensível a lolium apresentou reação ocular aguda com quemose grave seguido por epifora e prurido ocular intenso logo após a aplicação do alérgeno (25 mcg/mL de Phl p 5), necessitando de corticosteroide tópico e tampão ocular por 48 horas. Todos os indivíduos apresentavam pápula cutânea com diâmetro médio \geq 10 mm. Sibilos e dispnéia aguda ocorreram logo após TPCA positivo para Blomia (28,9 mcg/mL de Blo t 5) em indivíduo asmático controlado (pápula cutânea com diâmetro médio de 8 mm), sendo tratado com beta2-agonista de curta duração em spray e corticosteroide oral. **Conclusão:** O diagnóstico de conjuntivite alérgica é clínico. TPCA é um método útil para confirmar uma reação mediada por IgE a alérgenos e deve ser realizado preferencialmente em ambiente hospitalar pelo risco potencial de reações adversas locais e sistêmicas.

TL. 037 - FATORES DE RISCO ASSOCIADOS À SIBILÂNCIA EM LACTENTES NO PRIMEIRO ANO DE VIDA EM CUIABÁ, MT

Lillian Sanchez Lacerda Moraes, Olga Akiko Takano, Dirceu Solé.

Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade Federal de São Paulo.

Objetivo: Avaliar fatores de risco associados à sibilância em lactentes de 12 a 15 meses de idade na cidade de Cuiabá-MT. **Material e Métodos:** Estudo transversal com aplicação de questionário escrito (QE) padronizado do "Estudio Internacional de Sibilância em Lactentes" (EISL) fase 3. Pais e/ou responsáveis pela criança foram entrevistados em Unidades Básicas de Saúde quando procuravam as mesmas para imunização de rotina ou por visitas domiciliares de crianças matriculadas nos Programas de Saúde da Família (Agosto 2009 a Novembro 2010). Termo de consentimento livre e esclarecido foi obtido de todos os participantes. Fatores associados à sibilância foram avaliados utilizando análise bivariada e multivariada (SPSS v.18.0) e expressos como odds ratio (OR) e intervalo de confiança 95% (IC95%). **Resultado:** Um mil e sessenta (N=1.060) pais e/ou responsáveis responderam o QE. Duzentos e noventa e quatro (27,7%) lactentes tiveram pelo menos um episódio de sibilância no primeiro ano de vida e destes 45,9% (N=135) tiveram 3 ou mais episódios de sibilância (sibilância recorrente). Fatores de risco independentes associados a sibilância alguma vez no primeiro ano de vida foram: história prévia de pneumonia (OR=10,8; IC 95%=4,52-25,77); ter mais de 6 infecções de vias aéreas superiores (IVAS) (OR=2,95; IC95%=2,11-4,14); ter a primeira IVAS antes dos 3 meses de idade (OR=1,50; IC95%=1,04-2,17); asma em irmãos (OR=2,13; IC95%=1,18-3,87); asma no pai (OR=1,98; IC95%=1,22-3,23); asma na mãe (OR=1,62; IC95%=1,07-2,43); exposição à poluição atmosférica (OR=1,59; IC95%=1,08-2,33) e exposição ao paracetamol no primeiro ano de vida por IVAS (OR=2,13; IC95%=1,54-2,95). **Conclusão:** Os fatores de risco para sibilância em lactentes foram semelhantes aos fatores de risco conhecidos para asma. Exposição ao paracetamol esteve associada à sibilância, porém mais pesquisas são necessárias para elucidar esta potencial associação.

TL. 039 - USO DE ANTIBIÓTICOS, MAS NÃO DE PARACETAMOL REDUZ O RISCO DE SIBILÂNCIA RECORRENTE EM LACTENTES

Herberto Jose Chong Neto, Nelson Augusto Rosário, Lylia Fátima Melniski Bojarski, Emanuel Antônio Grasselli, Flávia Carnieli e Silva, Cristine Secco Rosário, Bernardo Augusto Rosário.

Serviço de Alergia e Imunologia Pediátrica, Hospital de Clínicas, Universidade Federal do Paraná.

Objetivo: Verificar a associação de sibilância recorrente (≥ 3 episódios) na infância e o uso de antibióticos (ATB) ou paracetamol (PCM) no primeiro ano de vida. **Material e Métodos:** Estudo transversal por aplicação de questionário padronizado e validado (EISL: Estudio Internacional sobre Sibilancias en Lactantes) com análise das seguintes perguntas: Seu bebê teve sibilos ou chiado no peito ou bronquite nos primeiro ano de vida? Seu bebê teve 3 ou mais episódios de sibilância no primeiro ano de vida? Com qual frequência seu bebê usou antibióticos no primeiro ano de vida? Com qual frequência seu bebê usou paracetamol no primeiro ano de vida? Os pais de crianças com idade entre 12 e 15 meses que foram as Unidades de Saúde para imunização foram entrevistados entre Agosto/2005 à Dezembro/2006 (EISL Fase I) e Setembro/2009 à Setembro/2010 (EISL Fase III). Foi realizada análise bivariada e o risco demonstrado por Odds ratio (OR) e intervalo de confiança de 95% (95% IC). **Resultado:** Mil e três pais participaram do estudo e 19,8% dos lactentes tiveram sibilância recorrente com início aos 6,1 \pm 3 meses de vida. O uso de PCM não foi associado a presença de sibilância recorrente [Sem PCM (OR=0,91; IC 95%: 0,38-2,19; p=0,83), PCM 1-3 vezes (OR=1,21; IC 95%: 0,77-1,91; p=0,4), PCM 4-6 vezes (OR=1,21; IC 95%: 0,77-1,9; p=0,41) e PCM ≥ 7 vezes (OR=0,76; IC 95%: 0,51-1,13; p=0,17)], enquanto o uso mais frequente de ATB reduziu o risco de sibilância recorrente no primeiro ano de vida [Sem ATB (OR=2,18; IC 95%: 1,35-3,51; p=0,001), ATB 1-3 vezes (OR=1,39; IC 95%: 0,93-2,07; p=0,1), ATB 4-6 vezes (OR=0,37; IC 95%: 0,22-0,62; p=0,001) e PCM ≥ 7 vezes (OR=0,22; IC 95%: 0,07-0,66; p=0,001)]. **Conclusão:** O uso frequente de ATB reduziu o risco de sibilância recorrente no primeiro ano de vida enquanto que PCM não foi associado a sibilância recorrente nesta população do estudo.

TL. 038 - VARIAÇÕES NA PREVALÊNCIA DE SIBILÂNCIA RECORRENTE NA INFÂNCIA PELO EISL FASES I E III

Herberto Jose Chong Neto, Nelson Augusto Rosário, Emanuel Antônio Grasselli, Flávia Carnieli e Silva, Lylia Fátima Melniski Bojarski, Cristine Secco Rosário, Fernando Henrique Chong.

Serviço de Alergia e Imunologia Pediátrica, Hospital de Clínicas, Universidade Federal do Paraná.

Objetivo: Verificar as mudanças na prevalência da sibilância recorrente em lactentes de Curitiba. **Material e Métodos:** Estudo transversal por aplicação de questionário padronizado e validado (EISL: Estudio Internacional sobre Sibilancias en Lactantes) as perguntas: Seu bebê teve sibilos ou chiado no peito ou bronquite nos primeiro ano de vida? Seu bebê teve 3 ou mais episódios de sibilância no primeiro ano de vida? Os pais de crianças com idade entre 12 e 15 meses que foram às Unidades de Saúde de Curitiba para imunização foram entrevistados entre Agosto/2005 à Dezembro/2006 (EISL Fase I) e Setembro/2009 à Setembro/2010 (EISL Fase III). As variáveis categóricas foram apresentadas como proporções e as diferenças verificadas pelo teste do χ^2 , e as variáveis contínuas são expressas em média \pm DP e analisadas pelo teste t de Student. **Resultado:** Três mil e três pais de lactentes responderam o questionário na Fase I, e 45,4% tiveram pelo menos um episódio de sibilância; 50,7% foram do gênero masculino, e 22,6% tiveram sibilância recorrente com início aos 5,5 \pm 3,1 meses de vida. Cinco anos depois na, no EISL Fase III, mil e três pais participaram do estudo: 40,6% tiveram pelo menos um episódio de sibilância (p=0,46), 51,1% foram do gênero masculino, e 19,8% tiveram sibilância recorrente (p=0,1) com início aos 6,1 \pm 3 meses de vida (p=0,06). **Conclusão:** Sibilância recorrente é altamente prevalente e com início precoce. Em nossa população, os índices de sibilância recorrente não se modificaram durante o período de 5 anos de observação.

TL. 040 - PREVALÊNCIA E GRAVIDADE DA SIBILÂNCIA NO PRIMEIRO ANO DE VIDA NA REGIÃO CENTRO-SUL DE SÃO PAULO - SP, BRASIL: COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS ENTRE A FASE 1 E A FASE 3 DO "ESTUDIO INTERNACIONAL DE SIBILANCIA EM LACTENTES" (EISL)

Aranda CS, Soares JÁ, Fonzar LF, Dela Bianca ACC, Wandalsen GF, Mallol J, Solé D.

Universidade Federal de São Paulo.

Objetivo: Avaliar a prevalência e a gravidade da sibilância no primeiro ano de vida da região centro-sul de São Paulo - SP utilizando o protocolo padronizado do "Estudio Internacional de Sibilancia en Lactentes" (EISL) - fase 3, e comparar os valores obtidos com os observados no EISL - fase 1, realizado no mesmo centro. **Material e Métodos:** Pais de lactentes que procuraram unidades básicas de saúde da região centro-sul de São Paulo, entre junho de 2009 e dezembro de 2010, responderam o questionário escrito (QE) do EISL - fase 3 (n=1335), e os resultados obtidos foram comparados aos obtidos anteriormente no EISL - fase 1 (n=1014), realizada entre março de 2005 e agosto de 2006. Na dependência das variáveis analisadas, foram empregados testes paramétricos, não-paramétricos e regressão logística. **Resultado:** A prevalência de sibilantes foi similar (44,6% versus 46%) entre as duas fases ($\chi^2=0,46$ (p=0,496)). Quando avaliado segundo à quantidade de episódios, houve um aumento, em relação à sibilância esporádica (19,4% versus 23%). Em contra partida, observou-se um redução na sibilância recorrente (26,7% versus 21,6%). Em relação ao diagnóstico de asma, um aumento significativo ocorreu (7,4% versus 21%) como também as hospitalizações por bronquite (19,6% versus 33%). Duzentos e trinta e um (17%) lactentes da fase 3 apresentaram pneumonia, sendo 38 (2,8%) não sibilantes e 193 (14,5%) sibilantes. A prevalência de sibilantes que apresentaram pneumonia foi semelhante (30,8% versus 32%) entre as duas fases, enquanto o número de hospitalizações por pneumonias aumentou (15% versus 20%). **Conclusão:** A sibilância no primeiro ano de vida continua muito prevalente na região centro-sul da cidade de São Paulo. Houve um aumento de percentual de crianças com diagnóstico de asma e também dos fatores de gravidade, como hospitalizações por bronquite. Existe ainda uma alta prevalência de pneumonia nos sibilantes, o que evidencia uma relação direta de gravidade entre essas duas patologias.

TL. 041 - SEGUIMENTO DA SIBILÂNCIA EM PRÉ-ESCOLARES DE SÃO PAULO-SP E DE MACEIÓ - AL: ESTUDO INTERNACIONAL DE SIBILÂNCIA EM LACTENTES - EISL-FASE 2

Ana Caroline Cavalcanti Dela Bianca, Mercia Lamenha Medeiros, Francisco José Passos Soares, Gustavo Wandalsen, Javier Mallol, Dirceu Solé.

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, São Paulo (SP), Brasil; Universidade Estadual de Ciências da Saúde - UNCISAL, Maceió (AL), Brasil; Universidad de Santiago, Chile.

Objetivo: Verificar a persistência, o surgimento da sibilância e seus aspectos relacionados entre crianças em idade pré-escolar que participaram do Estudo Internacional de Sibilância em Lactentes (EISL) - fase 1 no 1º ano de vida em São Paulo (SP) e Maceió (AL). **Material e Métodos:** Os pais/responsáveis das crianças que participaram do EISL-fase 1, em São Paulo e em Maceió, responderam um novo questionário, por contato telefônico, após 30 meses da primeira avaliação. Metade do grupo havia apresentado sibilância no 1º ano de vida. **Resultado:** Cento e vinte e quatro crianças com história de sibilância e 162 crianças sem história de sibilância no 1º ano de vida participaram do estudo, sendo 145 meninos (50,6%). A média da idade foi de 42,5 ± 7,1 meses para todo o grupo. Entre as 96 crianças com sibilância nos últimos 12 meses (prováveis asmáticos), 63 (65,6%) apresentaram sibilância desde a fase 1 do estudo (sibilância persistente), apenas oito (12,7%) destas crianças havia recebido diagnóstico de asma e somente nove (14,3%) já havia feito uso de corticosteroide inalatório como tratamento para sibilância. Os lactentes com provável asma apresentaram maior número de infecções de vias aéreas e maior necessidade de uso de antibióticos no 1º ano de vida, quando comparados aos que apresentaram sibilância transitória (apenas no primeiro ano de vida). As crianças com sibilância persistente apresentaram maior necessidade de uso de antibióticos no 1º ano de vida, quando comparados àquelas com sibilância transitória e às crianças com sibilância tardia (apenas fase pré-escolar). Não observamos associação entre uso de paracetamol e persistência da sibilância. **Conclusão:** A persistência da sibilância iniciada no 1º ano de vida entre os pré-escolares da região centro-sul de São Paulo e de Maceió é alta, a maioria dessas crianças apresenta associação com infecções respiratórias e uso de antibióticos, porém o diagnóstico de asma e seu tratamento específico continuam pouco frequentes.

TL. 043 - AGAMAGLOBULINEMIA LIGADA AO X - CARACTERÍSTICAS AO DIAGNÓSTICO E APÓS INÍCIO DO TRATAMENTO

Fernanda Araujo Silva, Beatriz Tavares Costa Carvalho, Sabrina Tomie Taguchi, Mauri Franco Senise Junior, Lígia Furtado Fonzar.

Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina.

Objetivo: Analisar características clínicas e laboratoriais, antes e após o início do tratamento dos pacientes com agamaglobulinemia ligada ao X (XLA). **Material e Métodos:** Estudo descritivo realizado com base na revisão de prontuários de 24 pacientes com XLA avaliados na UNIFESP. **Resultado:** Todos os pacientes são do sexo masculino. A média de idade do início dos sintomas e do diagnóstico foi de 12,4 meses e 5 anos, respectivamente. O tempo médio entre o início dos sintomas e o diagnóstico foi de 4,1 anos, sendo os pacientes mais velhos levaram mais tempo para ser diagnosticados. As infecções mais frequentes antes do diagnóstico foi pneumonia, acometendo 79,2% dos pacientes e após o início do tratamento foi sinusite em 78,3% deles. Antes do diagnóstico 79,1% dos pacientes apresentaram pelo menos 1 internação, após o início do tratamento esse número caiu para 43,4%. Nas patologias associadas 59,1% apresentam sintomas compatível com alguma doença alérgica. Anemia foi encontrado em 26,8% dos pacientes no hemograma inicial, neutropenia e linfopenia foi visto em 9,5% e 4,7%, respectivamente. Todos os pacientes apresentavam IgG e IgM < p3, e 90,5% também apresentava IgA < p3. A presença de anticorpos vacinais também foi analisada. Todos os pacientes com exceção de um apresentavam CD19+ < 2%. Apenas 1 apresentava CD3 < p10 (4,3%) no diagnóstico, 13% apresentavam CD4 < p10, e 4,5% apresentava CD8 < p10. Realizam o tratamento com imunoglobulina venosa 90% dos pacientes, sendo a dose média de 575±102 mg/kg a cada 4 semanas. Foram registrados 3 óbitos sendo dois por problemas pulmonares e um por encefalite. **Conclusão:** Conhecer as características clínicas e laboratoriais dos pacientes com XLA nos possibilita chamar a atenção de outras especialidades para que pacientes com esse perfil sejam investigados e encaminhados para um serviço de referência. Desse modo podemos reduzir o tempo entre o início dos sintomas e o diagnóstico, iniciando a terapia com reposição de anticorpos e diminuindo o número de infecções e internações dos pacientes.

TL. 042 - FÁRMACOS PARA ASMA SÃO ÚTEIS NO TRATAMENTO DA SIBILÂNCIA RECORRENTE EM LACTENTES?

Herberto Jose Chong Neto, Nelson Augusto Rosário, Flávia Carnieli e Silva, Emanuel Antônio Grasselli, Lylia Fátima Melniski Bojarski, Cristine Secco Rosário, Fernando Henrique Chong.

Serviço de Alergia e Imunologia Pediátrica, Hospital de Clínicas, Universidade Federal do Paraná.

Objetivo: Verificar as mudanças no tratamento da sibilância recorrente em lactentes de Curitiba. **Material e Métodos:** Estudo transversal por aplicação de questionário padronizado e validado (EISL: Estudio Internacional sobre Sibilancias en Lactantes) com análise das respostas sobre características clínicas e tratamento da sibilância recorrente. Os pais de crianças com idade entre 12 e 15 meses que foram as Unidades de Saúde para imunização foram entrevistados entre Agosto/2005 à Dezembro/2006 (EISL Fase I) e Setembro/2009 à Setembro/2010 (EISL Fase III). As variáveis categóricas foram apresentadas como proporções e as diferenças verificadas pelo teste do χ^2 . **Resultado:** Três mil e três pais de lactentes responderam o instrumento na Fase I do EISL e 22,6% tiveram episódios de sibilância recorrente. Cinco anos depois, na Fase III do EISL, mil e três pais participaram do estudo e 19,8% tiveram sibilância recorrente ($p=0,1$). β_2 -agonistas de curta ação foram prescritos na mesma frequência (89,6% vs 86,5%, $p=0,21$), no entanto, drogas anti-asmáticas foram utilizadas com maior frequência [anti-leucotrienos (6,9% vs 33%, $p < 0,001$), corticosteroides inalados (23,6% vs 37,5%, $p=0,001$) and corticosteroides orais (18,6% vs 26,5%, $p=0,01$)] e houve aumento no diagnóstico médico de asma (16,2% vs 23%, $p=0,03$). Houve redução nos sintomas noturnos (73% vs 61,5%, $p=0,001$), na gravidade dos sintomas (59,3% vs 42%, $p=0,001$) e nas visitas à emergência (69,3% vs 41,5%, $p<0,001$) em lactentes com sibilância recorrente, mas não ocorreram mudanças nas hospitalizações (17,1% vs 12,5%, $p=0,12$). **Conclusão:** Tratamento da sibilância recorrente em lactentes tem aumentado nos últimos anos e pode ter contribuído para reduzir a morbidade dos lactentes com episódios de sibilos.

TL. 044 - IMUNODEFICIÊNCIA COMUM VARIÁVEL (IDVC) EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: SEGUIMENTO DE CINCO ANOS

Lima VT, Swensson ACPM, Castro APBM, Pastorino AC, Dorna M, Jacob CMA.

Unidade de Alergia e Imunologia - Departamento de Pediatria do ICR- FMUSP.

Objetivo: Descrever dados clínico-laboratoriais à admissão e após 5 anos de seguimento de crianças com IDCV. **Material e Métodos:** Análise retrospectiva de dados clínico-laboratoriais de 10 pacientes (3M:7F) com IDCV (IUIS, 2009) à admissão e após 5 anos de tratamento com reposição mensal de imunoglobulina e antibióticos profilático. Considerou-se: infecções, autoimunidade, neoplasias e avaliação de imunoglobulinas séricas e linfócitos CD4 e CD8. **Resultado:** A mediana da idade do início dos sintomas foi 48m (2m a 13a2m) e ao diagnóstico 96m (9m a 14 a). À admissão, observou-se: infecções recorrentes broncopneumonias (n=9) e sinusites (n=9), OMA (n=6), infecções graves em três pacientes (Síndrome de Fournier, meningite e pneumonia) e um paciente com anemia hemolítica. Ao diagnóstico: concentrações médias das imunoglobulinas de: IgG= 449, IgA=6,1 e IgM = 18,2 mg/dL. CD4 < p 10 em 50%, p10-50 em 10%, p50-90 em 30% e > p 90 em 10% dos pacientes. CD8 no p10-50 em 30%, 50% entre p50-90 e 20% acima do p90 dos pacientes. A TC de tórax evidenciou que 30% dos pacientes já apresentava bronquiectasias ao diagnóstico. Após 5 anos de seguimento, todos os pacientes ainda apresentavam infecções recorrentes, com predomínio de sinusite (n=10), redução do número de broncopneumonias (n=5) e não houve infecções graves. Durante o seguimento apenas um paciente apresentou neoplasia (linfoma) e outro está em investigação para hepatite auto-imune. Ao fim de 5 anos 60% dos pacientes apresentavam esplenomegalia. As concentrações de IgG encontravam-se em média de 739, IgM 38,5 e IgA 6,25 mg/dl. Com relação à imunofenotipagem não houve nenhuma mudança em relação à admissão. TC tórax evidenciou que 90% dos pacientes apresentavam bronquiectasias após 5 anos de seguimento. **Conclusão:** Houve redução das infecções, em especial as graves, mesmo com o aumento das bronquiectasias, podendo representar efeito da reposição de gamaglobulina e/ou ser consequência aos cuidados gerais direcionados a estes pacientes.

TL. 045 - A RINITE PODE SER ALÉRGICA EM PACIENTES COM IMUNODEFICIÊNCIA COMUM VARIÁVEL?

Rosana Câmara Agondi, Myrthes Toledo Barros, Cristina Kokron, Andrea Cohon, Ana Karolina Barreto, Jorge Kalil, Pedro Giavina-Bianchi.

Serviço de Imunologia Clínica e Alergia do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Objetivo: Embora as rinosinusites sejam muito prevalentes na imunodeficiência comum variável (ICV), a rinite alérgica, nestes pacientes, pode ser mascarada pela história de infecções respiratórias de repetição. O diagnóstico da rinite alérgica baseia-se nos sintomas e na detecção de IgE específica para alérgenos ambientais. O objetivo deste estudo foi identificar a rinite de provável causa alérgica em pacientes com ICV. **Material e Métodos:** Este estudo incluiu 72 pacientes adultos e de ambos os gêneros em acompanhamento num serviço especializado. Todos preenchem critérios diagnósticos para ICV conforme as diretrizes internacionais. Os pacientes foram divididos em três grupos conforme a história clínica: sugestivo de rinite alérgica, rinite não-alérgica e sem rinite. Os pacientes foram submetidos à pesquisa de IgE total e específica (in vivo e in vitro). **Resultado:** Houve distribuição similar de gêneros. A média de idade foi de 38,2 anos. A história de rinite crônica foi observada em 59 (81,9%) dos casos, sendo 31 (43%) com história clínica compatível com rinite alérgica. Os pacientes com rinite alérgica ou não-alérgica apresentaram idades mais precoces do início dos sintomas de ICV e do seu diagnóstico ($p=0,001$ e $p=0,03$, respectivamente) em relação ao grupo sem rinite. O intervalo de tempo decorrido entre o início dos sintomas e o diagnóstico de ICV foi similar nos três grupos ($p=0,68$). A rinite alérgica foi confirmada pela detecção de IgE específica para aeroalérgenos em somente 5,6% dos pacientes. **Conclusão:** Nos pacientes com ICV, a rinite crônica pode ser alérgica, pois muitos apresentam história pessoal fortemente sugestiva, além da presença de história familiar de atopia. Entretanto, estes pacientes comumente apresentam testes negativos na investigação através de testes tradicionais e, portanto, exames adicionais devem ser necessários. Uma sugestão para investigação de rinite alérgica nos pacientes com ICV seria a provocação nasal com alérgenos mais prevalentes.

TL. 047 - HISTÓRIA NATURAL DA IMUNODEFICIÊNCIA COMUM VARIÁVEL (IDCV): PROGNÓSTICO E FENÓTIPOS CLÍNICOS

Amanda Seba, Norma de Paula Motta Rubini, Albertina Varandas Capelo, Eliane Miranda da Silva, Marilza Campos de Magalhães, Fernando Samuel Sion, Carlos Alberto Morais de Sá.

Hospital Universitário Gaffrée e Guinle - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi investigar o prognóstico e os fenótipos clínicos de uma série de pacientes com IDCV em seguimento de longo prazo. **Material e Métodos:** Foram avaliados pacientes com IDCV (critérios PAGID), em seguimento clínico >10 anos. A maioria dos pacientes estava em uso regular de imunoglobulina endovenosa (IVIg). Foi realizada avaliação clínica mensal e exames complementares a cada 6-12 meses, incluindo avaliação imunológica, hematológica, bioquímica, auto-imunidade, parasitológico de fezes, análise de urina, TC de tórax, ultra-sonografia abdominal e investigações específicas de doenças infecciosas e malignidades, quando necessário. **Resultado:** Foram avaliados 11 pacientes, com idade variável entre 16 e 62 anos, sendo 73% do sexo feminino, com follow-up médio de 21,9 anos (12 a 34). A idade no início dos sintomas variou de 4 a 31 anos (média = 18) e no diagnóstico entre 11 e 47 (média=28). A maioria dos pacientes (55%) apresentou o fenótipo de complicações infecciosas apenas, 27% apresentou infecções e PTI e 18% infecções e neoplasias sólidas. As infecções mais frequentes foram sinusites de repetição (100%), pneumonias (82%), giardiase (36%) e tuberculose (18%). Observamos que 4 (36%) pacientes evoluíram com inversão da relação CD4/CD8. A adesão ao uso de IVIg foi boa em 50% dos pacientes, regular em 38% e insuficiente em 12%. Todos os pacientes apresentam boa qualidade de vida, desempenhando suas atividades rotineiras de estudo, trabalho e lazer. **Conclusão:** Os fenótipos mais frequentes foram complicações infecciosas ou complicações infecciosas + auto-imunidade. A tuberculose pode ser uma complicação infecciosa importante para os pacientes com IDCV em áreas endêmicas. A demora no diagnóstico de IDCV, em torno de 10 anos, indica que é necessário implementar o diagnóstico das PID em nosso país. Com o manejo clínico adequado e boa adesão ao uso de IVIg, os pacientes podem apresentar boas sobrevida e qualidade de vida similar ao descrito nos países desenvolvidos.

TL. 046 - ESTUDO DOS POLIMORFISMOS DAS PARAOXONASES EM PACIENTES COM IMUNODEFICIÊNCIA COMUM VARIÁVEL

Myrthes Toledo Barros, Sini BC^{1,2}, Maselli LMF³, Levy D², Bydlowski SP², Kokron CM¹, Kalil J¹.

1. Disciplina de Imunologia Clínica e Alergia da FMUSP e Laboratório de Investigação Médica (LIM 60) - HC-FMUSP; 2. Laboratório de Genética e Hematologia Molecular (LIM-31) FMUSP; 3. Fundação Pró-Sangue Hemocentro de São Paulo.

Objetivo: A imunodeficiência comum variável (ICV) caracteriza-se pela presença de infecções bacterianas crônicas ou recorrentes. As paraoxonases (PONs) constituem uma família de enzimas séricas e/ou teciduais (PON1, PON2 e PON3) com ação antioxidante que previnem o stress oxidativo e a inflamação. A PON1 tem atividade esterase/lactonase e a propriedade de hidrolisar organofosforados. A PON2 e a PON3 têm atividade anti-oxidante e anti-inflamatória. Os polimorfismos das várias enzimas da família das PONs têm sido avaliados em infecções virais como aids e em bacterianas como a colonização pulmonar pela *P. aeruginosa* na fibrose cística e nas infecções pulmonares crônicas. O alelo 311C da PON2 parece estar relacionado a infecções pulmonares crônicas. Um trabalho na literatura encontrou relação entre a atividade da PON1 e esplenomegalia em pacientes com ICV. Determinar a atividade de arilesterase da PON1 e as frequências alélicas dos polimorfismos da PON1 (192QR e 55LM), PON2 (311SC e 148AG) e PON3 (T10340G, C45486A e A2115T) em pacientes com ICV. **Material e Métodos:** Foram comparados 80 pacientes adultos de ambos os sexos com ICV e 130 indivíduos sãos. Os polimorfismos foram analisados por RFLP-PCR e PCR em tempo real e a atividade da arilesterase por atividade cinética. Tratamento estatístico pelo teste exato de Fisher. **Resultado:** Observou-se diferença na frequência do alelo PON2-S311C entre o grupo ICV (67%) e o grupo controle (41%) ($p=0,0004$). A atividade de arilesterase da PON1 foi similar nos grupos ICV (89 U/mL+23 U/mL) e controle (89 U/mL+23 U/mL). O estudo de correlação demonstrou interação entre a atividade de arilesterase e os genótipos PON1-L55M ($p=0,016$) e PON2-A148G ($p=0,024$) em pacientes com ICV. **Conclusão:** O alelo S311C da PON2, que tem sido associado a infecções pulmonares crônicas, foi mais frequente em pacientes com ICV, sugerindo que este polimorfismo possa ter papel coadjuvante nas infecções pulmonares observadas nesta imunodeficiência.

TL. 048 - DEFICIÊNCIA DE IGA E A ASSOCIAÇÃO COM ATOPIA E AUTOIMUNIDADE: PERFIL DOS PACIENTES ACOMPANHADOS NO AMBULATÓRIO DE IMUNOLOGIA - UNIFESP

Furlan FP, Fagundes ATN, Silva DCB, Carvalho BTC, Genov IR, Solé D.

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP Departamento de Alergia, Imunologia e Reumatologia Pediátrica da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP.

Objetivo: Caracterizar o perfil clínico e laboratorial de pacientes com deficiência de IgA e prevalência de doenças alérgicas e auto-ímmunes, acompanhados no serviço de Alergia e Imunologia da Unifesp. **Material e Métodos:** Foram avaliados retrospectivamente 28 pacientes do Ambulatório de Imunologia com Deficiência de IgA (IgA sérica < 7 mg/dl) e analisado a predominância de doenças alérgicas e auto-ímmunes. **Resultado:** Avaliados 28 pacientes (17 do sexo feminino), cuja idade média foi 12,5 anos (2,6 a 36 anos); idade média ao diagnóstico foi 7 anos (DP=5,7 anos). O nível de IgA sérica ao diagnóstico teve média de 5,6mg/dL; IgG, IgM e IgE média de 1459mg/dL, 140mg/dL e 498kU/L respectivamente. Na última avaliação laboratorial, as médias encontradas foram: IgA <5mg/dL, IgG 1506mg/dL, IgM 202mg/dL e IgE 624 kU/L, mostrando que não houve variação dos níveis de imunoglobulinas. A prevalência de doenças atópicas se mostrou superior a 60% (n=19): 36,86% (n=7) rinite alérgica e 63% (n=12) asma. Asma intermitente e asma não classificada representaram as mais frequentes, seguida de asma persistente leve; nenhum caso de asma persistente grave foi identificado. Presença de doenças auto-ímmunes foi observada em 3 (11%) pacientes, sendo que em 1 (7%) paciente houve associação com Doença Celíaca. Outras doenças encontradas foram artrite reumatoide juvenil, esclerodermia, SICCA e Síndrome de Evans. História familiar de autoimunidade ou imunodeficiência mostrou prevalência semelhante, presentes em 7,14% (n=2) da amostra. **Conclusão:** As doenças alérgicas e auto-ímmunes mostram-se mais prevalentes nos pacientes com Deficiência de IgA quando comparados com a população em geral, e podem ser incluídas no espectro de apresentações clínicas dessa imunodeficiência. De modo inverso, a presença dessas doenças pode servir de alerta para a investigação de imunodeficiência humoral, com a dosagem inicial dos níveis séricos de imunoglobulinas.

TL. 049 - DEFICIÊNCIA DE IGA: PERFIL DAS INFECÇÕES E GRAVIDADE DOS PACIENTES ATENDIDOS NO SERVIÇO DE IMUNOLOGIA DA UNIFESP E O IMPACTO DO DIAGNÓSTICO NA EVOLUÇÃO DESSAS COMPLICAÇÕES

Silva DCB, Furlan FP, Fagundes ATN, Genov IR, Carvalho BTC, Solé D.

Universidade Federal de São Paulo - Departamento de Alergia, Imunologia e Reumatologia Pediátrica.

Objetivo: Identificar os dados infecciosos dos pacientes ao diagnóstico de deficiência de IgA (DIgA) e descrever a evolução clínica-laboratorial e suas complicações durante o acompanhamento ambulatorial, com ênfase nas diferenças observadas após o diagnóstico. **Material e Métodos:** Foram avaliados retrospectivamente 28 pacientes do Ambulatório de Imunologia da UNIFESP com diagnóstico de DIgA (IgA sérica < 7 mg/dl), e levantados dados clínicos e laboratoriais através de revisão dos prontuários. **Resultado:** Dos 28 pacientes selecionados (17 do sexo feminino), a média de idade foi entre 2,6 a 36 anos. Dentre as queixas para encaminhamento, infecções de repetição (39,28%) foram as mais prevalentes, sendo as pneumonias de repetição o segundo grupo mais frequente (14,28%), seguido pelas IVAS, sinusopatias e OMA (10,71% cada). O perfil infeccioso ao diagnóstico mostrou predominância das infecções respiratórias altas (IVAS, amigdalites, sinusopatias e OMA), seguidas por infecções do trato gastrointestinal (como diarreia), pneumonias, infecções do trato urinário, estomatites, infecções cutâneas bacterianas, meningite e infecções cutâneas por fungos ou herpes. Após o diagnóstico, houve uma redução estatisticamente significativa no número de infecções relatadas pelos pacientes (teste t pareado, $p=0,04$), mas quando presentes apresentaram maior gravidade. A maioria não necessitou de antibioticoterapia profilática, e apenas 25% necessitaram de antibiótico por curto período. Laboratorialmente, o valor médio de leucócitos, neutrófilos e linfócitos apresentavam-se dentro da faixa de normalidade, assim como os de IgG e IgM; normalização dos níveis séricos de IgA foi observada nos pacientes com deficiência parcial de IgA (não incluídos) e em nenhum caso de DIgA completa. **Conclusão:** O diagnóstico da DIgA pode interferir no curso da doença, diminuindo a morbidade relacionada aos episódios de infecções recorrentes e suas complicações.

TL. 051 - ANGIOEDEMA HEREDITÁRIO (AEH): QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES BRASILEIROS

Maria Consuelo Abadia Gomide, Eliana Toledo, Solange Rodrigues do Valle, Regis Albuquerque Campos, Nieves Gomez, Teresa Caballero, Anete S Grumach.

Depto de Dermatologia, Faculdade de Medicina da USP; Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal da Bahia; Serviço de Alergia, Hospital Universitario La Paz, Madrid, Spain.

Objetivo: O AEH (HAE) é uma doença com defeito do inibidor de C1 esterase. Os pacientes afetados têm crises recorrentes de edema, mediada por bradicinina. O edema gastrointestinal é muito doloroso e pode levar a laparotomias desnecessárias; o edema respiratório pode resultar em asfixia. O impacto da crise é imprevisível, com dificuldade no atendimento de emergência e efeitos colaterais to tratamento profilático, podendo resultar em prejuízo da qualidade de vida. O objetivo deste estudo foi avaliar a qualidade de vida em pacientes brasileiros com AEH. **Material e Métodos:** Pacientes maiores de 15 anos de idade, com gravidade variável da doença, mas com confirmação laboratorial do diagnóstico. Dois questionários foram usados: um questionário clínico e o SF-36. Os componentes avaliados foram: atividade física (10 itens), saúde geral (5 itens), dor (2 itens) e aspectos físicos (4 itens); saúde mental (5 itens), vitalidade (4 itens), funcionamento social (2 itens) e aspecto emocional (3 itens). O estudo foi aprovado pelo Comitê de ética. **Resultado:** Trinta e cinco pacientes foram incluídos no estudo, a maioria do sexo feminino (25 = 71.4%), de áreas urbanas (85.7%), com nível médio educacional (42.9%) e nível sócio-econômico médio baixo (57.1%). A idade média foi de 40.7 anos (DP + 16.6 anos). Os escores das oito dimensões mostraram uma variação de 51.03 a 75.95; a vitalidade e aspectos sociais foram mais afetados. **Conclusão:** Há poucos estudos avaliando a qualidade de vida em AEH. Neste estudo, os pacientes brasileiros apresentaram prejuízo da qualidade de vida mensurada pelo SF-36. Há necessidade de desenvolver instrumentos específicos para comparar com os questionários genéricos assim como avaliar a correlação com a gravidade clínica.

TL. 050 - AVALIAÇÃO DA RESPOSTA CLÍNICA DOS PACIENTES COM ICV SUBMETIDOS À VACINAÇÃO COM ANTÍGENOS PROTÉICOS E POLISSACARÍDICOS

Ana Karolina Barreto de Oliveira, Maíra Pedreschi, Andrea Cohon, Jorge Kalil, Myrthes T. Barros, Cristina M. Kokron.

1. Disciplina de Imunologia Clínica e Alergia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo 2. Serviço de Imunologia Clínica e Alergia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo 3. Laboratório de Investigação Médica (LIM - 60) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Objetivo: O trabalho tem o objetivo de avaliar a resposta clínica a imunização com antígenos protéicos e polissacarídicos após administração de vacinas de antígenos específicos (Pneumococo, Influenza e H1N1) em pacientes com ICV acompanhados no ambulatório de Imunodeficiências Primárias do Serviço de Imunologia Clínica e Alergia do HC-FMUSP. **Material e Métodos:** Os pacientes foram diagnosticados segundo critérios da OMS, PAGID e ESID. Os pacientes foram vacinados contra Influenza (H2N3), H1N1 e Pneumococo. A avaliação clínica foi realizada a partir de um score clínico no qual os parâmetros considerados foram: pneumonias, sinusites, otite média aguda, infecções de vias aéreas superiores virais, amigdalite, diarreia, bronquiectasias, hospitalizações, uso de antibiótico terapêutico, uso de antibiótico profilático, sepse e meningite. O score foi aplicado durante o ano que precedeu a vacinação e um ano após a administração das vacinas. **Resultado:** Participaram do estudo 45 pacientes (51% mulheres), com idade entre 20 a 78 anos (média 36,3 anos). Verificamos um retardo de sete anos no diagnóstico dos pacientes com ICV. IVAS seguidas de pneumonias e sinusites foram às manifestações infecciosas mais frequentes em mulheres (80%, 78% e 55% respectivamente). IVAS seguidas por sinusites e pneumonias foram os achados mais frequentes em homens. (78%, 65% e 35% respectivamente). Houve redução significativa do score em relação ao número de sinusites e IVAS após a administração das vacinas ($p < 0, 001$). **Conclusão:** Observamos redução do número de infecções, especialmente sinusites e IVAS no ano posterior à vacinação. Esta observação reforça o benefício da vacinação e sugere modificação na orientação quanto às indicações de vacinas nos pacientes com ICV.

TL. 052 - IDENTIFICAÇÃO DE SUBTIPOS DE LINFÓCITOS B EM PACIENTES COM IMUNODEFICIÊNCIA COMUM VARIÁVEL

Cristina Maria Kokron, Maira Pedreschi, Ana Karolina B B Marinho, Myrthes Toledo Barros, Andrea Cohon, Edécio Cunha Neto, Jorge Kalil.

Disciplina de Imunologia clínica e Alergia, HC-FMUSP.

Objetivo: A Imunodeficiência Comum Variável (ICV) é uma imunodeficiência clínica e laboratorialmente heterogênea, e provavelmente trata-se de várias doenças. Apesar da dificuldade de correlacionar manifestações clínicas e alterações imunológicas na ICV, há relatos de que variações nas subpopulações de linfócitos B (LB) podem ser associadas a algumas complicações. Essa correlação tem se mostrado apropriada para um acompanhamento mais eficiente destes pacientes. O objetivo deste trabalho foi descrever e correlacionar o fenótipo clínico e as subpopulações de linfócitos B de pacientes brasileiros com ICV. **Material e Métodos:** Foram avaliados, por citometria de fluxo, os subtipos de LB: LB naive, LB de zona marginal, LB de memória com troca de isotipo, LB transitório, LB CD21low e plasmoblasto. Amostras de 70 pacientes e 30 controles foram comparadas para cada um dos 6 subtipos de LB. A prevalência das complicações clínicas: linfadenopatia, esplenomegalia, autoimunidade, granulomatose e bronquiectasias, e sua associação com as subpopulações de LB também foi analisada. **Resultado:** Redução de LB de memória com troca de isotipo foi encontrada em todos os pacientes com ICV. Contudo, redução na frequência de plasmoblastos e aumento nas frequências de LB naive e LB CD21low foram estatisticamente significantes apenas nas pacientes do gênero feminino. Embora a prevalência de complicações clínicas tenha diferido entre os pacientes, foi observada associação apenas entre linfadenopatia e a redução de plasmoblastos. **Conclusão:** A análise dos subtipos de LB não foi suficiente para diferenciar pacientes com ICV em subgrupos de acordo com as diversas manifestações clínicas. É provável que isto seja decorrente da heterogeneidade da doença, sendo necessário identificar marcadores imunológicos adicionais que permitam melhor distinguir o fenótipo, evolução e prognóstico dos pacientes.

TL. 053 - PERFIL DOS PACIENTES COM IMUNODEFICIÊNCIA PRIMÁRIA (IP) QUE FAZEM USO DE GAMAGLOBULINA HUMANA

Camila Teles Machado Pereira.

UNIFESP.

Objetivo: Mapeamento dos pacientes com IP que fazem uso de gamaglobulina, visando um panorama real sobre a situação na região. **Material e Métodos:** O primeiro centro de referência para o diagnóstico e tratamento da Imunodeficiência Primária (IP) da América Latina encontra-se em São Paulo. A unidade é vinculada à Fundação Jeffrey Modell e coordenada pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). No total são 128 pacientes que fazem uso de gamaglobulina humana mensalmente, com idade que varia de 4 meses a 72 anos. **Resultado:** De acordo com os demais registros do mundo, inclusive o Latino-americano, as deficiências de anticorpos são as mais frequentes nesta Unidade, somando 75%, e responsáveis pela indicação de tratamento com imunoglobulina humana. Destes 75%, 30% apresentam diagnóstico de Imunodeficiência comum variável (ICV), 15% de agamaglobulinemia, 9,4% de deficiência de anticorpos antipolisacáridos, e 20,3% (26 pacientes) apresentam hipogamaglobulinemia ainda sem diagnóstico definitivo. Ataxia-telangiectasia é a causa em 10% dos pacientes. O restante equivale às deficiências combinadas (SCID, hiper IgM) e aos defeitos de fagócitos (DGC). **Conclusão:** As Imunodeficiências Primárias (IDP) somam mais de 150 doenças, classificadas de acordo com o principal defeito do sistema imunológico. Em sua maioria, resultam em maior suscetibilidade a infecções, doenças autoimunes e neoplasias. A Imunoglobulina humana (IH) como terapia de reposição de anticorpos tem indicação nesses casos, reduzindo o risco de infecções e suas sequelas. A possibilidade de tratamento desses pacientes com a reposição de imunoglobulinas melhorou muito o prognóstico dessas doenças. Nenhuma outra forma de tratamento se mostrou tão eficaz no controle dos processos infecciosos. Nesta Unidade os pacientes recebem a IH na presença de médicos imunologistas, e são acompanhados na sua integralidade por uma equipe multidisciplinar.

TL. 055 - DIAGNÓSTICO DE DOENÇA DO REFLUXO GASTROESOFÁGICO EM PACIENTES COM TOSSE CRÔNICA

Carla Bisaccioni, Giavina-Bianchi P, Kalil J, Agondi RC.

Universidade São Paulo.

Objetivo: Uma das principais causas de tosse crônica é a doença do refluxo gastroesofágico (DRGE). Seu diagnóstico baseia-se nos sintomas e nos exames diagnósticos como, endoscopia digestiva alta (EDA), pHmetria de 24 horas e manometria. Muitos pacientes também apresentam laringite posterior crônica na fibronasolaringoscopia (FNL), como uma manifestação atípica de DRGE. O objetivo do presente estudo foi avaliar o diagnóstico de esofagite, através de exames de EDA e FNL em pacientes com tosse crônica. **Material e Métodos:** Cinquenta e um pacientes em acompanhamento por tosse crônica, de ambos os gêneros e acima de 18 anos de idade foram questionados quanto à presença de dispepsia e submetidos às FNL e EDA (alguns com biópsia de esôfago). **Resultado:** A média de idade foi de 56,8 anos (\pm 13,2 anos), 90,2% do gênero feminino e a média de tempo de duração da tosse, de 12,2 anos. Destes, 46 (90,2%) apresentavam dispepsia, além da melhora parcial ou total dos sintomas de tosse com inibidor de bomba de prótons. Dos 46 pacientes sintomáticos, apenas 18 (39,1%) apresentavam esofagite à EDA, entretanto, 36 pacientes (78,3%) apresentavam laringite posterior à FNL. Dezesete pacientes também foram submetidos à biópsia de esôfago e 15 exames identificaram esofagite. Nove (60%) destes pacientes apresentavam apenas laringite posterior à FNL (EDA sem esofagite). **Conclusão:** A fibronasolaringoscopia foi mais sensível que a endoscopia digestiva alta para confirmar doença do refluxo gastroesofágico. Embora a indicação para a biópsia de esôfago siga critérios padronizados, este estudo sugere que em pacientes com tosse crônica, se houver uma indicação para a realização de EDA, seria interessante complementar com biópsia de esôfago.

TL. 054 - AVALIAÇÃO OBJETIVA DA PERMEABILIDADE NASAL EMPREGANDO RINOMETRIA ACÚSTICA E TESTE DE PROVOCAÇÃO NASAL (TPN) EM RESPOSTA AO TRATAMENTO DA RINOPATIA ALÉRGICA COM BUDESONIDA TÓPICO NASAL

Natalia Zanellato Fabbri, Luiz Felipe Nora Rosa Vilella, Ricardo de Lima Zollner, Eduardo Abib Junior.

Universidade Estadual de Campinas.

Objetivo: Estudar o efeito da budesonida na permeabilidade nasal empregando rinometria acústica e TPN inespecífico com histamina. **Material e Métodos:** 12 pacientes de ambos os sexos com idades entre 20 e 32 anos, rinite alérgica confirmada por teste epicutâneo para aeroalérgenos, sem tratamento prévio. Os pacientes eram submetidos à rinometria acústica para avaliação dos parâmetros basais, seguido de TPN com histamina nas concentrações crescentes (0,5; 1; 2; 4; 6 mg/ml) e avaliação rinométrica acústica nos tempos 1; 4; 8; e 12 minutos para medição da permeabilidade nasal. A redução de no mínimo 20% da área de secção 2 (PN20) no exame rinométrico era o parâmetro utilizado para determinar a obstrução nasal. A partir da PN20 a avaliação era interrompida e registrada a concentração de histamina necessária para alterar a permeabilidade nasal e seu valor de redução (PN20). O modelo de estudo clínico era aberto, cego, onde os pacientes eram tratados com budesonida tópico nasal 64 mcg duas vezes ao dia durante 30 dias, e novamente submetido à TPN e rinometria acústica. **Resultado:** 9 pacientes (75%) apresentaram variação positiva da permeabilidade nasal após o tratamento. Nestes pacientes observou-se redução da área de secção 2 (MCA2) pós tratamento, refletindo melhora da permeabilidade nasal de 9% a 55%. 2 pacientes (17%) necessitaram de maiores concentrações de histamina para atingir PN20 após o tratamento. Comparando os valores de MCA2 destes pacientes pré e pós tratamento na concentração de 0,5 mg/ml de histamina, observou-se melhora da permeabilidade nasal de 9% e 36%. 1 paciente (8%) obteve PN20 pós tratamento com resposta tardia (8 minutos) e melhora de 0,8% da permeabilidade nasal. **Conclusão:** A metodologia empregada mostrou-se eficaz na avaliação objetiva da permeabilidade nasal, evidenciando a melhora da permeabilidade em resposta ao tratamento com budesonida tópico nasal.

TL. 056 - FUNÇÃO PULMONAR DE LACTENTES PREMATUROS

Gustavo Falbo Wandalsen, Daniela M. Gonçalves, Fernanda C. Lanza, Ana Silvia Scavacini, Ana Caroline DeLa Bianca, Amélia M. dos Santos, Dirceu Solé.

Disciplinas de Pediatria Neonatal e Alergia, Imunologia Clínica e Reumatologia, UNIFESP-EPM.

Objetivo: Avaliar os valores de função pulmonar de lactentes nascidos prematuros e comparar com um grupo de lactentes nascidos a termo sem problemas respiratórios. **Material e Métodos:** Curvas expiratórias forçadas com volume pulmonar elevado e pletismografia de corpo total foram realizadas segundo a padronização existente e após sedação com hidrato de cloral em 39 lactentes normais sem história de sibilância prévia ou problema respiratório e em 37 lactentes nascidos prematuros (idade gestacional < 37 semanas). Todos os exames foram realizados na ausência de infecção respiratória por pelos menos duas semanas. Os valores foram registrados em escore z (z) ou em porcentagem do previsto (%). **Resultado:** Entre os prematuros, 15 foram do sexo masculino, a média de idade cronológica foi de 51,5 semanas e a estatura média de 69cm. A média de peso ao nascimento foi de 1130g, de idade gestacional de 29 semanas e de uso de oxigênio durante a internação na unidade neonatal de 29 dias. Onze dos 37 prematuros apresentavam sibilância recorrente. Os prematuros apresentaram valores significativamente menores que os controles para as seguintes variáveis: zCVF (-0,10 x 0,58; p=0,01), zVEF0,5 (-0,53 x 0,82; p<0,001), zVEF0,5/CVF (-1,12 x 0,39; p<0,001), zFEF25-75 (-0,66 x 1,03; p<0,001), zFEF50 (-0,54 x 1,00; p<0,001) e zFEF75 (-0,45 x 0,80; p<0,001). Houve correlação significante entre o zVEF0,5 e os dias de uso de oxigênio (r= -0,32; p=0,04) e a idade gestacional (r= -0,29; p=0,04). Os prematuros com sibilância recorrente apresentaram menores valores de zVEF0,5 (-0,87 x 0,21; p=0,03) e zFEF50 (-0,82 x 0,09) que os sem sibilância recorrente. **Conclusão:** Lactentes nascidos prematuros apresentam nítido déficit de função pulmonar quando comparados a lactentes controles. Este déficit é acentuado pela presença de sibilância recorrente, menor idade gestacional e maior necessidade de uso de oxigênio no período neonatal.

TL. 057 - AVALIAÇÃO DO CONSUMO ALIMENTAR E DA DENSIDADE MINERAL ÓSSEA DE CRIANÇAS COM DERMATITE ATÓPICA

Vanessa Ramos Alves Penterich, Yang AC, Pereira RMR, Takayama L, Alvim RS, Kalil J, Castro FFM.

Disciplina de Alergia e Imunopatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Objetivo: Avaliar o impacto da Dermatite Atópica (DA) no consumo de nutrientes, no estado nutricional e no metabolismo ósseo de crianças com dermatite atópica moderada/grave comparadas à crianças saudáveis. **Material e Métodos:** Foram incluídas 60 crianças de 4 a 12 anos com DA moderada/grave e 54 controles. O consumo alimentar foi avaliado por 3 recordatórios de 24 horas. O estado nutricional foi determinado pelo z-escore da altura/idade, peso/idade e do índice de massa corporal. Os marcadores ósseos séricos foram cortisol plasmático, cálcio total, fósforo, fosfatase alcalina, proteína total, albumina, osteocalcina, CTX, 25-hidroxivitamina D e PTH. Os pacientes e familiares foram questionados quanto ao tempo de uso de glicocorticoide tópico, exposição solar e escore de atividade física. Por meio de densitometria dupla de Raio-X avaliou-se o conteúdo mineral ósseo (CMO), a densidade mineral óssea (DMO) e o z-score da coluna lombar, do fêmur total e do corpo inteiro. **Resultado:** A avaliação da dieta evidenciou um alto consumo de proteínas em ambos os grupos, e a ingestão de gordura foi mais baixa nas crianças com DA. A média consumida de cálcio e vitamina D foi abaixo da recomendação nutricional em ambos os grupos. Segundo o z-score de altura/idade as crianças com DA eram significativamente mais baixas quando comparadas com o grupo controle. O CTX sérico foi menor no grupo DA. As crianças com DA usavam glicocorticoide tópico em média por 3,9(1,81) anos. O tempo de exposição solar foi menor nas crianças com DA. Ambos os grupos faziam pouca atividade física. As crianças com DA apresentaram mais casos de rinite, asma e alergia alimentar do que o grupo controle. O CMO da coluna lombar foi mais baixo nas crianças com DA, e o CMO, a DMO e o z-score do fêmur total também foram significativamente menor no grupo DA do que no grupo controle. **Conclusão:** Neste grupo de crianças com DA, estudado o uso do glicocorticoide tópico pode ter diminuído a altura para idade, e a massa óssea.

TL. 059 - AVALIAÇÃO DOS NÍVEIS DE IGE SÉRICA TOTAL EM PACIENTES COM DERMATITE ATÓPICA

Rondon AV, Constantin F, Mahet T, Matos J, Barbosa S, Abad E, Prado E.

IPPMG / UFRJ.

Objetivo: Identificar a prevalência de níveis séricos aumentados de IgE total em pacientes com Dermatite Atópica (DA) moderada a grave, e analisar a relação entre os níveis séricos de IgE e a gravidade da doença. **Material e Métodos:** Estudo descritivo e retrospectivo com coleta de dados em prontuários, onde foram incluídos 72 pacientes, portadores de DA moderada a grave, acompanhados em ambulatório especializado. A gravidade da DA foi avaliada pelo SCORAD, conforme descrito na literatura, e a dosagem dos níveis de IgE total foi realizada pelo método de fluoroimunoensaio (ImmunoCAP). **Resultado:** Na amostra estudada, 46 (63,8%) pacientes apresentavam DA moderada (SCORAD > 25) e 26 (36,2%), DA grave (SCORAD > 50), com valores de SCORAD variando entre 25 e 76,2 (mediana 45,4). Os níveis de IgE total estavam aumentados em relação ao valor de referência normal para a idade em 84% dos pacientes. Os níveis de IgE encontrados variaram entre 5,7 a 3114 kU/l, sendo que níveis entre 100 a 1000 kU/l foram observados em 56% dos pacientes e níveis superiores a 1000 kU/l, em 24% dos pacientes. A mediana da IgE sérica total entre os pacientes com valores aumentados foi de 400 kU/l nos pacientes com DA moderada, e de 538,8 kU/l, naqueles com DA grave. **Conclusão:** Encontramos valores aumentados de IgE em 84% dos pacientes com dermatite atópica moderada a grave, sendo que em 24% os valores foram bastante elevados. Esses dados são compatíveis com o que está relatado na literatura. Observamos uma tendência a valores mais altos de IgE total nos pacientes com quadros mais graves. Para que se estabeleça uma relação estatisticamente significativa entre valor de IgE e gravidade da doença, é importante seguir o estudo, ampliando a amostra de pacientes.

TL. 058 - SENSIBILIZAÇÃO A ALÉRGENOS CONTACTANTES EM PACIENTES COM DERMATITE ATÓPICA

Fausto Yoshio Matsumoto.

Setor de Alergia e Imunologia Clínica do Departamento de Pediatria da UNIFESP-EPM.

Objetivo: Avaliar se a gravidade da DA (SCORAD), gênero, idade, idade de início dos sintomas ou presença de outras doenças como Rinite alérgica (RA), Conjuntivite alérgica (CA) ou asma influenciam na sensibilização a alérgenos contactantes. **Material e Métodos:** Foram estudados 30 pacientes acompanhados no Setor de Alergia e Imunologia Clínica do Departamento de Pediatria da UNIFESP-EPM com diagnóstico de DA. À admissão no estudo, foi realizado questionário (idade, gênero, idade de início dos sintomas, tempo de doença, gravidade (SCORAD), medicamentos em uso e existência de outras doenças alérgicas como asma, conjuntivite alérgica e rinite alérgica), exame físico e aplicação do teste de contato, com reavaliações com 48 e 96 horas. **Resultado:** O teste de contato foi considerado positivo em 14/30 (46,6%), sendo o sulfato de níquel responsável por 42,8% das reações positivas e o Timerosal por 28,5%. A gravidade (SCORAD), gênero, idade atual, idade de início dos sintomas e a presença de rinite, conjuntivite ou asma não apresentaram diferença estatisticamente significativa ($p > 0,05$) entre os grupos com teste de contato positivo ou negativo. **Conclusão:** Nossos resultados sugerem que os pacientes com DA, de alguma forma, são mais susceptíveis à sensibilização a alérgenos contactantes, e apesar de não identificar as causas para este desfecho, a exposição indiscriminada a produtos tópicos deve ser evitada afim de que não ocorram novas sensibilizações e possível agravamento da doença durante o tratamento. O benefício da profilaxia de contato aos alérgenos considerados positivos deve ser avaliado no seguimento desses pacientes.

TL. 060 - SENSIBILIZAÇÃO ALIMENTAR EM PACIENTES COM DERMATITE ATÓPICA

Constantin F, Rondon A, Abad E, Barbosa S, Mariz F, Prado E.

Instituto de Pediatria e Puericultura Martagão Gesteira - UFRJ. Rio de Janeiro/RJ – Brasil.

Objetivo: Relatar sensibilização a alimentos em pacientes com Dermatite Atópica moderada a grave, acompanhados em ambulatório especializado. **Material e Métodos:** Estudo retrospectivo, por meio de revisão de dados de prontuários médicos de pacientes portadores de DA moderada a grave (SCORAD > 25). Estudamos nesses pacientes o perfil de IgE específica, dosada pelo método de fluoroimunoensaio (ImmunoCAP) para leite de vaca (LV) e suas proteínas, clara e gema de ovo, trigo e soja. Resultados classe igual ou maior que 1 (>0,35 kU/l) foram considerados positivos. Porém, consideramos sensibilização com possível relevância clínica, apenas os resultados de IgE específica categorizados como classe 3 (3,51-17,50 kU/l) e classe 4 (> 17,51 kU/l). **Resultado:** Dentre 104 pacientes, com idade variando entre 8 meses e 16 anos (mediana = 5 anos), 79 (76%) tinham realizado dosagens de IgE específica para alimentos. Encontramos nesse grupo de 79, um total de 63 pacientes (80%) com IgE específica > 0,35 para pelo menos um dos antígenos alimentares testados. Em 28 desses pacientes (35%), observamos valores de classes 3 e/ou 4, para pelo menos um antígeno alimentar. Destes 28 pacientes com valores mais elevados, 26 (41,2%) eram sensibilizados para ovo (clara 39,6%; gema 12,6%), 9 (14,2%) para LV (caseína 6,3%; beta-lactoglobulina 6,3%; alfa-lactoalbumina 4,7%), 8 (12,6%) para trigo e 3 (4,7%) para soja. A idade de início dos sintomas variou entre 1 mês e 4 anos para os pacientes sensibilizados a ovo, e entre 1 mês e 1 ano, para aqueles sensibilizados ao leite de vaca. **Conclusão:** Encontramos sensibilização alimentar em 80% dos pacientes com DA moderada a grave, incluindo escolares e adolescentes. Sensibilização de possível relevância clínica foi observada em aproximadamente um terço dos pacientes, tendo sido o ovo o alimento mais frequentemente envolvido, seguido do LV. Todos os pacientes sensibilizados ao LV iniciaram os sintomas no primeiro ano de vida, sugerindo sensibilização precoce.

TL. 061 - EFEITOS COLATERAIS COM O USO DE IMUNOSSUPRESSORES EM PACIENTES COM DERMATITE ATÓPICA MODERADA A GRAVE

Renata Heizer Rola, Flavia Vasconcelos, Jorge Matos, Eliane Abad, Simone Barbosa, Evandro Prado, Ekaterine Goudouris.

UFRJ/IPPMG.

Objetivo: Relatar os efeitos colaterais apresentados por pacientes em uso de imunossupressores para tratamento de dermatite atópica moderada a grave acompanhados em ambulatório especializado.

Material e Métodos: Estudo retrospectivo de 18 pacientes portadores de dermatite atópica moderada a grave (SCORAD > 25 e > 50, respectivamente), em uso de imunossupressores, não responsivos ao tratamento convencional, por meio da revisão dos prontuários e pesquisa clínico-laboratorial de efeitos colaterais.

Resultado: De total de 106 pacientes com dermatite atópica acompanhados atualmente no ambulatório, 18 (16,9%) estão em uso de imunossupressor sistêmico, sendo 11 (61,1%) em uso de ciclosporina (CyA) e 7 (38,9%), de azatioprina. Com o uso de CyA, 10 pacientes apresentaram efeitos colaterais: eosinofilia, hipomagnesemia, infecções virais, dislipidemia, aumento de enzimas hepáticas, intolerância gastrointestinal e alterações de sono e comportamento. Entretanto, foi necessária troca para azatioprina em apenas 2 pacientes. Com o uso de azatioprina, 5 pacientes apresentaram efeitos colaterais: alterações hematológicas (eosinofilia, leucopenia, anemia e neutropenia), alteração de enzimas hepáticas, infecção e alteração do sono. Apenas 1 desses pacientes necessitou da troca do medicamento.

Conclusão: O acompanhamento de pacientes com dermatite atópica em uso de imunossupressores nos mostra a importância da vigilância clínica e laboratorial regular para a detecção precoce de efeitos colaterais e adequado manejo. Apesar de bastante frequentes, os efeitos colaterais observados foram, na maioria dos casos, leves e transitórios, sem necessidade de troca ou suspensão da medicação.

TL. 063 - FREQUÊNCIA DE SENSIBILIZAÇÃO AO LEITE DE VACA E OVO EM CRIANÇAS COM DERMATITE ATÓPICA E FATORES ASSOCIADOS

Fernanda de Lima Barros Limongi, Norma de Paula Motta Rubini, Cássia Cristina Alves Gonçalves, Albertina Varandas Capelo, Eliane Miranda da Silva, Fernando Samuel Sion, Carlos Alberto Moraes de Sá.

Hospital Universitário Gaffrée e Guinle - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi avaliar a frequência de sensibilização ao leite de vaca e ovo em crianças com dermatite atópica (DA) e os fatores associados. **Material e Métodos:** Foram avaliados retrospectivamente pacientes pediátricos com DA, em seguimento por > 6 meses e com história clínica sugestiva de alergia alimentar. A sensibilização aos alérgenos alimentares foi investigada através da dosagem de IgE específica para caseína, alfa-lactoalbumina, beta-lactoglobulina e clara de ovo (ImmunoCap). Os fatores associados a risco de sensibilização alimentar investigados foram a idade no início da doença, a gravidade da DA (SCORAD), o período de aleitamento materno e o momento da introdução de alimentos sólidos. **Resultado:** Foram avaliados 30 pacientes, com idades entre 1 e 15 anos (média = 8,2 + 4,5 anos), sendo 53% do sexo feminino. A frequência de sensibilização aos alérgenos foi: clara de ovo - 40%, caseína - 33%, beta-lactoglobulina - 30% e alfa-lactoalbumina - 26%. Considerando os valores de "cut-off" estabelecidos nos EUA, 8 (27%) pacientes e 5 (17%) apresentavam, respectivamente, níveis de IgE específica para ovo e leite com VPP alto para alergia alimentar. Dentre os pacientes com DA grave 60% apresentou sensibilização ao leite e/ou ovo, enquanto naqueles com DA leve/moderada este percentual foi 30% (p=0,0003). A frequência de sensibilização foi menor no grupo em que o desmame ocorreu entre 3 e 6 meses de vida (16%), quando comparados aos pacientes com desmame < 3 meses (50%) ou > 6 meses (57%) [p = 0,0001]. Não foi observada diferença significativa na análise dos demais fatores. **Conclusão:** Observamos uma frequência alta de sensibilização às proteínas do ovo e leite de vaca, com um percentual duas vezes maior em pacientes com DA grave, indicando a importância da investigação de alergia alimentar em especial neste grupo de pacientes. O menor percentual de sensibilização ao leite e ovo nos pacientes em que o desmame ocorreu entre 3 e 6 meses de vida corrobora a hipótese da "janela de tolerância imunológica".

TL. 062 - ESTAFILOCOCOS MRSA COMUNITÁRIOS EM PACIENTES COM DERMATITE ATÓPICA: ATUALIZAÇÃO DE RESULTADOS

Déborah Albernaz, Fernanda Coutinho, Leonardo Medeiros, Eliane Abad, Simone Barbosa, Ekaterini Goudouris, Evandro Prado.

IPPMG/UFRJ.

Objetivo: descrever o isolamento de estafilococos MRSA comunitários em pacientes com Dermatite Atópica moderada a grave, acompanhados em um ambulatório especializado.

Material e Métodos: estudo retrospectivo e descritivo, por meio da revisão dos prontuários e resultados de exames dos pacientes em acompanhamento. **Resultado:** atualmente, há 106 pacientes com dermatite atópica em acompanhamento no serviço. Destes, foram submetidos à coleta de swab nasal os que apresentavam exacerbações agudas importantes (avaliadas pelo SCORAD) e/ou resistência ao manejo habitual. No período de janeiro de 2006 a julho de 2011, dos 34 pacientes com esfregaços de mucosa nasal para pesquisa de estafilococos, 9 (26,4%) apresentaram resultado positivo para MRSA. Dentre esses pacientes com MRSA +, todos já haviam sido tratados com cefalexina ou cefadroxila e descolonizados com mupirocina antes de se conhecer o resultado do esfregaço, sem melhora do quadro. Foi observada melhora do SCORAD em todos os pacientes MRSA+ após tratamento com SMX-TMP ou clindamicina. **Conclusão:** pacientes com DA em presença de infecção secundária são habitualmente medicados com cefalexina ou cefadroxila por via oral e/ou descolonizados com mupirocina e clorhexidina tópicas, sem investigação microbiológica. A presença de colonização/infecção por estafilococos MRSA comunitários por nós descrita, aponta para a necessidade de estabelecer-se critérios para a realização de esfregaço nasal nesse grupo de pacientes.

TL. 064 - HÁ ASSOCIAÇÃO ENTRE SENSIBILIZAÇÃO A ALIMENTOS E GRAVIDADE DA DERMATITE ATÓPICA?

Susana Ramos Machado Passeti, Neusa Falbo Wandalsen.

Faculdade de Medicina do ABC.

Objetivo: Verificar a possível associação entre a sensibilização a alimentos e a gravidade da dermatite atópica (DA). **Material e Métodos:** Estudo transversal que avaliou 119 crianças e adolescentes portadores de DA (56,3% gênero masculino, média de idade 68,8 meses) acompanhados no Setor de Alergia e Imunologia Clínica, Departamento de Pediatria, FMABC, de 2007 a 2009. Classificou-se a gravidade da DA pelo SCORAD e realizou-se dosagem de IgE sérica específica (ImmunoCAP®) para leite de vaca (LV) e frações (α- lactoalbumina, β- lactoglobulina e caseína); clara e gema de ovo; soja; trigo; milho; amendoim e peixe. Considerou-se sensibilizados os pacientes com valores acima de 0,35kUA/l. Para avaliar a associação entre gravidade da DA sensibilização utilizou-se os testes do Qui-quadrado e exato de Fisher. **Resultado:** A média do SCORAD foi 20,9 com 54,6% dos casos de DA leve e 12,6% DA grave. Nos não sensibilizados, houve maior ocorrência de menor gravidade (DA leve). A maior frequência de sensibilização foi observada com o LV (24,4%), seguido de clara e trigo (16% ambas). Observou-se menor sensibilização a esses alimentos na faixa etária de 37 a 72 meses, em comparação aos primeiros 36 meses de idade, seguido de novo aumento dos 73 aos 108 meses, exceto para a clara, com queda progressiva ao passar dos meses. Verificou-se associação significante entre sensibilização e gravidade (p-valor = 0,000). Constatou-se ainda associação entre gravidade da DA e valores em classes do ImmunoCAP apenas para a caseína. **Conclusão:** Na população estudada, o leite de vaca foi o alérgeno mais relacionado à sensibilização em pacientes com DA, principalmente nos primeiros 36 meses de idade. Observou-se associação significante entre a gravidade da doença e sensibilização a alimentos e gravidade com valores em classes do ImmunoCAP para a caseína.

TL. 065 - NÍVEIS SÉRICOS DE IGG4 E IGE EM CRIANÇAS DE DOIS A DEZ ANOS DE IDADES COM ATOPIA E HELMINTÍASE

Maria Teresa Nascimento Silva, Guilherme Augusto de Andrade Lima Barbosa, Rayana Elias Maia, Alexandre Magno da Nóbrega Marinho, Gérson Bragagnoli.

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Campina Grande – Paraíba.

Objetivo: A IgG4 tem sido proposta como anticorpo bloqueador, capaz de inativar a IgE, atuando na resposta alérgica IgE dependente. IgG4 e IgE estão elevados nas infecções por helmintos e a forte resposta anti-parasitária do IgE parece estar associada à resistência da infecção. Frente ao exposto, o objetivo do trabalho é determinar a relação dos níveis de IgG4 e IgE e a infecção por *Ascaris lumbricoides*. **Material e Métodos:** Consistiu em estudo transversal no bairro do Pedregal, em Campina Grande, Paraíba, de população estimada em 10.706 habitantes, dos quais, 14,9% (n=1600) apresentam entre dois e dez anos. Abrangeu 98,87% (n=1582) do grupo em análise. Era aplicado o questionário-padrão do International Study of Asthma and Allergies in Childhood (ISAAC) e solicitada uma amostra fecal das crianças, fornecida por 75,53% (n=1.195). As fezes foram analisadas sob o método de sedimentação espontânea (Ritchie e Kato-Katz) no laboratório de parasitologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Foram selecionadas aleatoriamente por sorteio 114 crianças para coleta de amostra de sangue e dosagem dos níveis de IgG4 e IgE séricos. **Resultado:** Das 114 crianças analisadas, 35,96% (n=41) apresentavam algum tipo de atopia. Entre elas a média de IgG4 foi 0,224 (Valor de referência: até 0,13) e de IgE foi 0,613 (Valor de referência: até 0,118). Ainda tomando o grupo total, 45,61% (n=52) crianças apresentaram alguma helmintíase, sendo que 94,23% (n=49) delas tinham *Ascaris lumbricoides*; entre as crianças com alguma parasitose a média de IgG4 e IgE foram, respectivamente 0,225 e 0,618. Avaliando conjuntamente, 33,3% (n=38) tinham alguma atopia e algum tipo de helmintíase associados, e entre eles a média níveis de IgG4 e IgE foram iguais aos observados naqueles apenas com a helmintíase. **Conclusão:** Houve elevação dos níveis séricos, contudo, a presença da atopia não provocou alteração entre os níveis de IgG4 e IgE, demonstrando, dessa forma, que a presença da helmintíase é a determinante desses níveis sérico.

TL. 067 - BLOG DA ALERGIA - UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA INTERATIVA

Fátima Emerson, Neide Freire Pereira, Margareth Duque, João Bosco de Magalhães Rios, José Luiz de Magalhães Rios .

Clinica de Alergia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro Faculdade de Medicina de Petrópolis.

Objetivo: Apesar dos avanços no tratamento das doenças alérgicas, ainda há um grande desconhecimento do público leigo sobre conceitos de prevenção e tratamento, gerando dificuldades na adesão e prejuízo no resultado terapêutico. O Blog da Alergia, criado em 2006, ultrapassou 1 milhão de acessos e oferece uma nova fonte de diálogo ético com o paciente. Esta pesquisa avalia uma amostragem de e-mails enviados para www.blogdalergia.com com objetivo de destacar os temas mais acessados, identificando quais são as principais áreas de interesse sobre as doenças imunoalérgicas. **Material e Métodos:** 1375 e-mails enviados para o Blog da Alergia foram selecionados aleatoriamente e analisados sobre as principais áreas de interesse do público. Foram considerados: idade, sexo e tema abordado. **Resultado:** 4256 e-mails e 5413 comentários foram respondidos através do Blog desde 2006. Foram analisados 1375 e-mails. A maioria (78,2%) pertence ao sexo feminino comparativamente a 19,9% do sexo masculino. Com relação à faixa etária, ocorreu um viés, pois como não era um item obrigatório, 67,65% não informaram a idade. 25,38% eram constituídos por pais ou responsáveis de crianças portadoras de alergias. Os tópicos mais abordados foram: Urticária (14,55%), Dúvidas sobre medicamentos (12,51%), Rinite Alérgica (10,98%), Prurido (8,15%), Asma (8,87%), Dermatite de Contato (5,60%), Dermatite Atópica (4,58%), Alergia a Medicamentos (2,47%), Tosse (3,86%), e outros (6,40%). Alergias dermatológicas foram mais questionadas comparadas às doenças respiratórias (32,9% versus 23,7%), e dúvidas sobre medicamentos corresponderam a 14,9% das dúvidas. Asma, doença alvo de campanhas educativas, representou apenas 8,9% dos questionamentos. **Conclusão:** A detecção das áreas de interesse do paciente pode ser uma diretriz para ações educativas e divulgação de doenças imunoalérgicas, gerando maior adesão ao tratamento. O uso da mídia digital possibilita maior diálogo com o paciente, disseminando orientações adequadas e divulgando a área de atuação do médico alergista.

TL. 066 - PERFIL DE SENSIBILIZAÇÃO A AEROALÉRGICOS E FUNÇÃO PULMONAR EM PROFISSIONAIS DE LIMPEZA URBANA (PLU)

Gustavo Silveira Graudenz, Alexandre Oliveira e Aguiar, Diógenes Seraphim Ferreira.

Geas - PMDA Núcleo de Microbiologia e Imunologia da Faculdade de Ciências Médicas Universidade Nove de Julho.

Objetivo: Analisar evidências de agravos respiratórios decorrentes de exposição ocupacional e indicadores de sensibilização a aeroalérgenos entre os PLU. **Material e Métodos:** Os PLU selecionados foram os funcionários de Aterros Sanitários, de Transbordos, Coletores, Varredores e Motoristas e um grupo Controle de funcionários de manutenção de trilhos ferroviários. Todos foram submetidos a entrevista de sintomas, espirometria, análise de marcadores sorológicos de sensibilização alérgica e citograma nasal. **Resultado:** Foram avaliados 217 indivíduos. Não foram encontradas diferenças nos sintomas ou frequência de diagnóstico de rinite ou asma entre os grupos estudados. A espirometria não mostrou diferenças entre os grupos nos parâmetros obstructivos e restritivos antes ou depois do broncodilatador. Os grupos mostraram-se diferentes no esfregaço nasal, sendo o maior percentual de infiltração neutrofílica e eosinofílica encontrado nos Motoristas (p=0,002). O grupo dos Coletores apresentou níveis de determinação de IgE total mais elevados somente quando comparado com o grupo Transbordo (p=0,017). Não foram verificadas diferenças nos níveis de IgE específica entre os grupos. **Conclusão:** O grupo dos motoristas mostrou esfregaço nasal sugestivo de rinite irritativa. Não foram evidenciados aumentos nos sintomas, no número de diagnósticos de asma, rinite ou alterações espirométricas sugestivas de doença pulmonar crônica ou transitória nos PLU estudados, quando comparados com o grupo Controle.

TL. 068 - DESGRANULAÇÃO ANAFILÁTICA DE BASÓFILOS INDUZIDA PELA PROPIFENAZONA REQUER CONJUGAÇÃO A UMA PROTEÍNA CARREADORA

Martin Himly¹, Markus Steiner¹, Andrea Harrer¹, Michael Schneider², Roland Lang³, Thomas Hawranek³, Fatima Ferreira¹.

Objetivo: Em sua maioria, as reações de hipersensibilidade aos anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) não são provocadas por mecanismo imunológico. Desse modo, pacientes com história de reações de hipersensibilidade aos AINEs, apresentam resultados negativos nos testes cutâneos e de ativação de basófilos (BAT). Ao contrário dos AINEs, o analgésico e antitérmico propifenazona (PF) pode ocasionar reações alérgicas mediadas por IgE, conforme resultados positivos obtidos pelos testes de provocação cutânea e de ELISA. Verificar a capacidade de estimulação celular da PF, livre ou conjugada a uma proteína carreadora, medida através do BAT. **Material e Métodos:** Paciente do sexo feminino, 45 anos de idade, com história de angioedema, dispnéia, vertigem e desmaio ocorridos poucos minutos (10 minutos) após a ingestão de GEWADAL (GW, Nycomed Austria GmbH, Linz). Tratamento com cortisona, anti-histamínicos, inalação de broncodilatadores e substituição do volume sanguíneo promoveu o alívio imediato dos sintomas. A paciente não reagiu aos testes de provocação oral com paracetamol, ácido acetilsalicílico, ácido mefenâmico, diclofenaco, e ibuprofeno. Testes cutâneos de sensibilidade foram conduzidos utilizando PF pura e GW. Um derivativo da PF contendo um espaçador químico foi utilizado para a obtenção de conjugados da PF ligada à albumina humana sérica (PF-AHS). Este conjugado foram caracterizados através de métodos físico-químicos como a cromatografia líquida de alta eficiência-filtração em gel. Amostras de sangue obtidas de pacientes com hipersensibilidade à PF e de indivíduos tolerantes à PF (grupo controle) foram analisadas pelo BAT utilizando diferentes concentrações de PF pura, GW, e dos conjugados PF-AHS. **Resultado:** Apesar da PF e do GW induzirem testes cutâneos positivos, estes compostos não foram capazes de estimular a expressão positiva de CD63, um marcador da ativação de basófilos. Em contraste, o conjugado PF-AHS com um grau de ligação de 23,2 ± 0,6 causou um aumento significante da intensidade média de fluorescência da molécula de ativação CD63. O efeito máximo na ativação de basófilos (16,9%) foi observado com a concentração de 200ng/ml de PF-AHS. **Conclusão:** Mastócitos cutâneos e basófilos de sangue periférico respondem diferentemente à estimulação com PF pura, uma vez que a PF produziu resultados positivos no teste cutâneo e negativos no BAT. Estes resultados mostram que o BAT conduzido com conjugados da PF com uma proteína carreadora (PF-AHS), mas não com AINEs puros, pode ser utilizado para confirmar o envolvimento de anticorpos IgE anafiláticos em casos de hipersensibilidade à PF.

TL 069 - CARACTERIZAÇÃO IMUNOLÓGICA DOS HOMÓLOGOS DE ART V 1, O PRINCIPAL ALÉRGENO DO PÓLEN DE ARTEMISIA

Gabriele Gadermaier (1), Matthias Egger (1), Eva Vejvar (1), Peter Briza (1), Paola Palazzo (2), Marina Liso (2), Adriano Mari (2), Christof Ebner (3).

(1) Christian Doppler Laboratory for Allergy Diagnosis and Therapy, University of Salzburg, Salzburg, Austria (2) Center for Molecular Allergology, IDI-IRCCS, Rome, Italy (3) Allergieambulatorium Reumannplatz, Vienna, Austria.

Objetivo: Pólenes de "mugwort" (*Artemisia vulgaris*) representam uma das maiores causas da febre do feno no Hemisfério Norte no fim do verão e no outono. O Art v 1 é o principal alérgeno e nosso objetivo foi investigar a presença e relevância desta molécula em pólenes de outras espécies de Artemisia. **Material e Métodos:** Extratos de pólenes de 7 espécies de Artemisia ssp. (*A. absinthium*, *A. annua*, *A. californica*, *A. frigida*, *A. ludoviciana*, *A. tridentata* and *A. vulgaris*) foram analisados por SDS-PAGE e ELISA direto e de inibição com nArt v 1 usando soro de indivíduos alérgicos. Moléculas de Art v 1 e homólogas foram purificadas por cromatografia e avaliadas contra anticorpos mono e policlonais para Art v 1. Os peptídeos trípticos foram analisados por espectrometria de massas e as sequências obtidas por clonagem de cDNA. Soros reativos a Art v 1 foram usados em ensaio de liberação de mediadores. Teste de inibição do ISAC foi realizado para investigar a presença de outros alérgenos com reatividade cruzada nos extratos. **Resultado:** Moléculas de Art v 1 e homólogas ~24-26 kDa foram a proteína mais proeminente dos extratos. A reatividade à IgE foi similar entre eles e a proteína nArt v 1 foi capaz de inibir 80-90% da ligação a IgE nas diferentes espécies investigadas. As moléculas glicosiladas foram purificadas e reconhecidas similarmente tanto por anticorpos monoclonais específicos para Art v 1 como por soros de indivíduos sensibilizados. As sequências primárias maduras mostraram alta identidade. As proteínas purificadas foram capazes de se ligar e liberar mediadores. Proteínas pectato liase, profilina e LTP foram inibidas de forma cruzada. **Conclusão:** Pólenes de diferentes espécies de Artemisia contém alérgenos de 25kDa com sequências semelhantes e características de Art v 1. Como estas espécies de plantas são amplamente distribuídas e até mesmo cultivadas para fins terapêuticos, estas alergias podem estar aumentando devido ao aumento na ocorrência e também às reatividades cruzadas.